

INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DIRETORIA DE ENSINO
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

Raquel Taffarel Borges

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO A PARTIR DA
ANÁLISE DE UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

Frederico Westphalen, RS
2025

Raquel Taffarel Borges

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO A PARTIR DA
ANÁLISE DE UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharela em Administração** junto ao Instituto Federal Farroupilha – *Campus* Frederico Westphalen.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique de Gois

Frederico Westphalen, RS
2025

INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DIRETORIA DE ENSINO
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

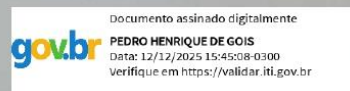
À Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO A PARTIR DA
ANÁLISE DE UM TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

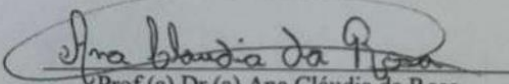
Raquel Taffarel Borges

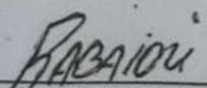
Como requisito parcial para obtenção do grau de
BACHARELA em ADMINISTRAÇÃO

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Pedro Henrique de Gois
PRESIDENTE/ORIENTADOR


Prof.(a) Dr.(a) Ana Cláudia da Rosa
Instituto Federal Farroupilha


Prof. Dr. Volmir Rabaioli
(Instituto Federal Farroupilha)

Frederico Westphalen, RS
2025

RESUMO

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO A PARTIR DA ANÁLISE DE UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

O presente trabalho, intitulado “A construção de sentidos e significados do trabalho a partir da análise de uma trajetória profissional” tem como objetivo central analisar como as relações de trabalho contribuem para a constituição do sujeito trabalhador a partir da análise de sua trajetória de vida. Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, que utilizou de dados qualitativos, cujas informações foram coletadas por meio de entrevista com um sujeito-trabalhador que atua como servidora pública e que representou a relação entre sujeito e trabalho como dimensão constitutiva que represente um modo de existência simbólico para os propósitos desta pesquisa. Foi realizada coleta de dados documentais para complementar e apoiar a análise de dados primários, obtidos por meio de entrevista semiestrutura com o sujeito foco da investigação. O conhecimento gerado, a partir deste estudo baseou-se na observação, análise e interpretação dos dados coletados, por meio da técnica de análise de narrativas e histórias de vida. Os resultados alcançados permitiram compor uma compreensão aprofundada de como as experiências no ambiente de trabalho influenciam a formação da identidade profissional e pessoal do indivíduo. A partir da experiência de vida e trabalho selecionada, indicando a partir das vivências elementos significativos que compuseram um modo de existência que orientou a carreira de uma servidora dedicada ao trabalho, preocupada com a realização comprometida e que, a partir do trabalho, constituiu uma ética própria de autorreconhecimento, significados e realizações entremeadas com a dinâmica laboral que compõe sua trajetória

Palavras-chave: Relação de Trabalho. Trajetória de Vida. Sujeito-Trabalhador.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

PNDA – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

APUD – Citado por

UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco

RPPS – Regime Próprio dos Servidores Municipais

TED – Transferência Eletrônica Disponível

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Articulação entre o Referencial Teórico e o relato da Entrevistada	55
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 OBJETIVOS	10
1.1.1 Objetivo geral.....	10
1.1.2 Objetivos específicos.....	10
1.2 JUSTIFICATIVA	11
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 TRABALHO COMO DIMENSÃO DA VIDA.....	14
2.2 SUBJETIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	18
2.2.1 Relações de trabalho como dimensão constitutiva do sujeito	22
2.3 MODOS DE EXISTÊNCIA E PRODUÇÃO DE EXISTÊNCIA	24
2.4 O SETOR PÚBLICO COMO ESPAÇO DE TRABALHO	28
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	34
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	35
3.3 PROPOSTA METODOLÓGICA DE COLETA DE DADOS	36
3.4 PROPOSTA METODOLÓGICA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	38
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	42
4.1 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE TRABALHO QUE PERPASSA A	42
EXISTÊNCIA DO SER-SUJEITO	42
4.2 O SERVIÇO PÚBLICO COMO ESPAÇO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-	43
TRABALHADOR: A EXPERIÊNCIA DE SER-SUJEITO TRABALHADOR EM	43
UMA PREFEITURA MUNICIPAL	43
4.3 MUDANÇAS AO LONGO DA CARREIRA E PERCEPÇÕES SOBRE O ...	46
TRABALHO	46
4.4 RELAÇÕES DE TRABALHO E SUBJETIVIDADE: UMA ANÁLISE	51
INTEGRADA DA EXPERIÊNCIA DE SER-SUJEITO-TRABALHADOR	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
APÊNDICE	64

1. INTRODUÇÃO

O trabalho é uma dimensão central da vida humana, não apenas como meio de subsistência, mas também como espaço de construção da subjetividade, sentidos e significados. A proposta deste estudo foi analisar a trajetória de uma servidora pública que atua há 36 anos no mesmo ambiente de trabalho, exercendo a função de tesoureira na Prefeitura Municipal de Pinhal, interior do noroeste gaúcho. Ao longo deste período a trabalhadora acumulou uma ampla bagagem de experiências profissionais e pessoais, construídas a partir do convívio institucional, das responsabilidades assumidas e das transformações vivenciadas no serviço público.

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe uma análise de uma trajetória profissional como forma de compreender como o indivíduo atribui sentidos ao trabalho ao longo de sua vida. Ao investigar a história de vida profissional como interface da constituição do sujeito busca-se entender, como o trabalho é experimentado, interpretado e ressignificado, a partir das condições de produção da existência e dos contextos sociais nos quais essa trajetória está inserida.

Além disso, é importante destacar como a trajetória profissional, desenvolve um papel fundamental na formação da identidade do sujeito, bem como, as influências pessoais, culturais e econômicas moldam a experiência individual, diante de um mundo de trabalho em constante transformação.

A análise da construção de sentidos e significados a partir de uma trajetória profissional, ‘dialoga’ diretamente com a administração, isso porque em um cenário marcado por constantes transformações no mundo do trabalho, é importante compreender como esses indivíduos constroem suas experiências, tendo o trabalho como referência importante.

A importância do trabalho como dimensão construtiva está ligada também as transformações do mundo do trabalho. Segundo o relatório *The Future of Jobs* (Fórum Econômico Mundial, 2023), espera-se que cerca de 23% dos empregos mudem até 2027, com a criação de aproximadamente 69 milhões de novos postos de trabalho e a eliminação de 83 milhões. Esse cenário evidencia a necessidade de constante adaptação dos gestores e trabalhadores para lidar com as novas demandas do mercado, desenvolvendo novas estratégias e capacitação contínua.

Compreender essas dimensões do trabalho é essencial para que haja mais valorização das experiências subjetivas e das trajetórias profissionais, contribuindo para uma organização humanizada, capaz de promover um ambiente que favoreça o desempenho profissional e pessoal dos trabalhadores. Como destaca Morin (2001), o trabalho com sentido é aquele que oferece ao indivíduo não apenas uma atividade a ser executada, mas uma fonte de identidade, realização e contribuição social.

Diante das rápidas transformações tecnológicas e organizacionais que redefinem o mundo do trabalho, compreender como os sujeitos constroem e ressignificam suas trajetórias profissionais torna-se uma necessidade para identificar formas de resistência, adaptação e valorização do capital humano.

Crochík (2010) aponta que, hoje, a experiência dos trabalhadores está cada vez mais fragmentada e superficial por causa da lógica do capitalismo, que valoriza apenas a produtividade e a adaptação às mudanças. Isso faz com que os indivíduos se sintam menos únicos e mais como peças de uma máquina, dificultando que construam uma identidade profissional sólida e com sentido. Por isso, é importante analisar as trajetórias profissionais considerando a experiência pessoal e a história de cada um, para que as pessoas possam encontrar significado em seu trabalho mesmo diante das mudanças e desafios do mercado.

O tema “A construção de sentidos e significados do trabalho a partir da análise de uma trajetória profissional” foi escolhido com base na sua relevância para compreender como as experiências de vida moldam as escolhas, valores e atitudes dos indivíduos no ambiente de trabalho, considerando que o trabalho ocupa uma posição central na construção de identidade, perante a sociedade. Autores como Gaulejac (1996) e Nogueira et al. (2017) reforçam que as trajetórias profissionais não são apenas registros biográficos, mas fontes ricas de significados construídos a partir de vivências únicas, que revelam conquistas, desafios, rupturas e reconstruções ao longo da vida. Assim, ao analisar essas trajetórias esta pesquisa pretende ampliar o entendimento sobre como o percurso profissional influencia nas decisões, no comportamento e nas relações de trabalho.

A observação de uma trajetória de vida, no contexto do trabalho, permitirá compreender como são produzidos modos de vida e existência particulares que associam a experiência subjetiva à forma como são construídas trilhas a partir das condições de vida, experiências múltiplas e aprendizado construído ao longo da vida.

Além da contribuição teórica para os estudos da subjetividade e trabalho, esta pesquisa pretende auxiliar na implementação de práticas organizacionais mais humanizadas, auxiliando os gestores na criação de ambientes que valorizem a singularidade dos trabalhadores e aprimorem seu desenvolvimento de forma integral. Como aponta Dejours (1999), o trabalho pode ser tanto fonte de sofrimento, quanto de realização, dependendo das condições em que este sujeito está inserido na organização. Por este modo, criar ambientes que acolham as experiências individuais e respeitem as trajetórias profissionais é essencial para promover saúde mental, engajamento e sentido no trabalho.

Considerando, portanto, a importância da análise das relações de trabalho, surge o seguinte problema de pesquisa: *Como as relações de trabalho constituem um sujeito-trabalhador a partir de análise de uma trajetória de vida?*

1.1 OBJETIVOS

Neste capítulo, são apresentados os objetivos desta pesquisa, começando pelo objetivo geral e, em seguida, os objetivos específicos, que designam os passos principais para a realização do estudo.

1.1.1 Objetivo geral

Esse trabalho tem por objetivo geral analisar de que modo as relações de trabalho no setor público municipal contribuem para a constituição do sujeito-trabalhador, a partir da análise de sua trajetória de vida profissional.

1.1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- Apontar experiências que o sujeito vivenciou no ambiente de trabalho;
- Definir as mudanças no contexto de trabalho e como elas ajudaram a formar sua história;
- Analisar como as mudanças de carreira influenciaram as escolhas profissionais;

- Compreender como as relações de trabalho orientam a construção de sentidos e significados nas trajetórias profissionais.

1.2 JUSTIFICATIVA

O tema “A construção de sentidos e significados a partir da análise de uma trajetória profissional” foi escolhido com base na relevância do assunto para compreender como as experiências de vida de um indivíduo moldam suas escolhas, valores e atitudes no ambiente de trabalho. O objetivo da pesquisa é analisar de que modo a trajetória de vida do sujeito-trabalhador, no setor público municipal, contribui para a sua constituição enquanto sujeito no contexto das relações de trabalho. Sendo assim, espera-se contribuir para identificar oportunidades de aperfeiçoamento de ferramentas que promovam o desenvolvimento tanto profissional do trabalhador quanto do acadêmico, permitindo-lhe adquirir mais conhecimento.

Enquanto justificativa empírica busca-se ampliar e compreender a relação do sujeito com o trabalho como forma significativa de construção de sentidos sobre si mesmo e sobre a existência em uma sociedade na qual o trabalho é uma dimensão central da vida. Com esta pesquisa, propõe-se compreender as experiências vividas e seus reflexos no dever, identificando como ela chegou a posição atual, destacando suas conquistas e desafios ao longo do percurso, e assim, possibilitar uma reflexão sobre sua relevância para a comunidade.

Este estudo propõe gerar uma reflexão profunda de como a trajetória de vida do trabalhador molda a sua atuação profissional e social. Ao compreender esta influência, o estudo pode enriquecer a área de desenvolvimento do projeto que envolve a Gestão Humana, Comportamental e Social nas Organizações, oferecendo uma visão mais integrada e contextualizada das experiências do sujeito. O estudo pretende evidenciar também o caminho profissional percorrido pela trabalhadora impacta suas decisões e comportamento no âmbito profissional, bem como influencia suas relações sociais.

A pesquisa como contribuição acadêmica pode trazer inúmeros benefícios, no que diz respeito a compreender as dinâmicas do mercado de trabalho, ou seja, entender como as trajetórias profissionais se desenvolvem ao longo do tempo, considerando as mudanças que podem ocorrer no caminho. Também propõe

desenvolver uma análise para examinar como a mobilidade profissional e social podem ascender em sua carreira, as barreiras enfrentadas e o sucesso profissional. Gaulejac (1996), afirma que as histórias de vida não são apenas relatos pessoais, mas sim ferramentas metodológicas usadas para entender as escolhas, as trajetórias de vida e tudo o que moldam o indivíduo.

Sob a perspectiva teórica este estudo pode contribuir para a ampliação da literatura, desenvolver uma análise crítica sobre os resultados obtidos e como eles se relacionam com estudos anteriores. Sob a perspectiva de ordem empírica, este estudo pode contribuir para a uma compreensão mais profunda e contextualizada das dinâmicas organizacionais. A pesquisa também contribui para o entendimento de como as trajetórias profissionais, a partir de uma análise de sentidos e significados podem ser adaptados às necessidades específicas do sujeito-trabalhador, proporcionando uma abordagem mais personalizada e eficiente na gestão. Ao compreender os sentidos e significados do trabalhador, a organização pode identificar as motivações e as expectativas individuais, permitindo melhor adaptação aos processos profissionais. Como afirma Nogueira et al. (2017, p. 481):

A importância dos acontecimentos e a produção de seus sentidos têm uma relação direta com sua origem, ou seja, com o movimento imprevisível da vida. A riqueza da vida está nos significados que atribuímos ao vivido – nunca controlável – e que fica depositado em nós, que vai significando nos, de maneira permanente. Os significados das vivências mudam, mudamos. Afinal, há uma característica plástica das impressões da vivência do tempo em nós, impossível de se ajustar a medidas e antecipações, por isso mesmo atingível à posteriori, nos processos narrativos da história de cada um/uma.

Assim, ao analisar a relação entre trajetórias de vida e trabalho é possível avançar no conhecimento que fortalece a relação entre a dimensão acadêmica e profissional.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esse estudo está organizado em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução, que inclui a contextualização do tema, os objetivos gerais e específicos e a justificativa do trabalho.

No segundo capítulo, é desenvolvido o referencial teórico, contendo a fundamentação bibliográfica necessária para o embasamento do assunto. Em

seguida, o terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, bem como as características do trabalho e de suas fontes, aos métodos de coleta e de análises dos dados.

O quarto capítulo traz os resultados encontrados na pesquisa. Nele são expostos os dados da análise proposta neste trabalho. Por último, no quinto capítulo são expostas as considerações finais e as conclusões construídas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este tópico aborda os principais conceitos teóricos sobre trajetórias profissionais, bem como os demais subtemas relacionados a esse estudo a fim de conceituar a análise de trajetórias profissionais, com base na construção de sentidos e significados que serão objeto de análise nesta pesquisa.

2.1 TRABALHO COMO DIMENSÃO DA VIDA

O trabalho é uma das principais dimensões da vida humana e vai além da simples obtenção de renda. Está diretamente ligado à construção de identidade pessoal e identidade social. Por meio do trabalho, o sujeito busca desenvolver habilidades, contribui para a transformação da sociedade e para a construção de relações pessoais e profissionais. Além disso, o trabalho é fundamental para garantir dignidade, sustento e bem-estar. Porém, o trabalho também gera desafios como estresse, sobrecarga e desequilíbrio com a vida pessoal. Por isso, pensar o trabalho como uma dimensão da vida é refletir sobre como ele contribui para uma existência mais equilibrada, significativa e realizadora no dia a dia. Partindo deste pressuposto, a seguir será apresentada a conceituação do trabalho, com base nos pensamentos de diversos autores especialistas no tema.

Segundo Cattani (1996), o trabalho é vivência social fundamental, desempenhando um papel central na formação da identidade, na socialização e nas interações sociais. Para o autor, trabalhar é mais do que apenas executar tarefas - é um modo de viver, de se relacionar continuamente com o mundo, de produzir, criar e ao mesmo tempo produzir momentos significativos de vida. Não se trata apenas de “fazer algo” para obter dinheiro, mas sim uma forma de expressão do indivíduo no mundo.

É por meio do trabalho que muitas pessoas constroem um propósito, desenvolvem habilidades, interagem com outras pessoas e participam da sociedade. Cattani (1996), traz em seu livro ‘Trabalho e Autonomia’, o trabalho como sendo algo penoso, fonte de sofrimento e forma de aprisionamento, para os povos romanos (tripalium). Nessa perspectiva, o trabalho era visto como algo degradante, destinado às classes mais baixas e aos escravizados da época, enquanto os cidadãos livres se dedicavam a atividades “nobres”, como política e arte. Essa concepção reforça uma

divisão social rígida, onde o trabalho esteve associado à submissão e a perda de liberdade dos indivíduos.

No debate sobre a significância de trabalho, diferentes autores apresentam concepções que vão além da simples atividade produtiva. Cattani (1997 p. 268), traz em seu livro Trabalho e Tecnologia, a definição de trabalho como esforço físico ou mecânico, como energia despendida por seres humanos, animais, máquinas ou mesmo objetos movidos por força de inércia. Essa definição amplia a compreensão de trabalho, mostrando que não se limita a ação humana, mas envolve qualquer forma de energia aplicada para produzir algum elemento. Ainda sobre esta temática Cattani completa sua análise ao afirmar que:

A energia colocada em movimento (o trabalho) tem por resultado a transformação dos elementos em estado de natureza ou, ainda, a produção, manutenção e modificação de bens ou serviços necessários à sobrevivência humana. Nessa acepção prevalece, essencialmente, a dimensão física do trabalho (Cattani, 1997, p. 268 -269).

A dominância trabalho pode ser definida por diversos autores. Albornoz (1992) faz uma reflexão crítica e histórica do conceito de trabalho, explorando as múltiplas dimensões e significados. A autora destaca que, em português, a palavra trabalho possui diversos significados, desde ligado ao esforço físico até atividades intelectuais, fazendo também uma reflexão sobre a experiência humana frente ao trabalho.

Na linguagem cotidiana a palavra trabalho tem muitos significados. Embora pareça compreensível, como uma das formas elementares de ação dos homens, o seu conteúdo oscila. Às vezes, carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designa a operação humana de transformação da matéria natural em objeto de cultura. É o homem em ação para sobreviver e realizar-se, criando instrumentos, e com esses, todo um novo universo cujas vinculações com a natureza, embora inegáveis, se tornam opacas (Albornoz, 1992, p.8).

Segundo Zucchetti (2005 *apud* Albornoz, 1992) o trabalho possui diversas significações para as diferentes línguas da cultura europeia. Segundo a autora, o grego distingue fabricação de esforço, este como oposto ao ócio. O latim distingue entre laborare, como sendo a ação do labor – dor, sofrimento, fadiga e, operare que corresponde a opus – obra. O italiano distingue entre laborare e operare e o espanhol entre trabajar e obrar. Diante desta interpretação, é possível verificar que para Albornoz a significação do trabalho foi associada por muito tempo a sofrimento

e obrigação, o que ajuda a entender a percepção negativa que recai sobre o trabalho em diversas culturas até hoje.

Ferraz e Fernandes (2019) trazem os conceitos de dois pensadores muito importantes que agregaram no conceito de trabalho: Estelle Morin e Ricardo Antunes. Para Morin (2001) a explicação sobre trabalho parte desse pressuposto “essa noção designa um gasto de energia mediante um conjunto de atividades coordenadas que visam produzir algo de útil”. Para Antunes (1999) o trabalho só tem sentido para além do capital, ou seja, segundo o autor.

Assim, trabalho não é um fim em si mesmo, mas um meio. Não se trabalha com finalidade de desenvolver e reproduzir nossas capacidades humanas, trabalha-se para receber um salário que nos permitirá acessar aquilo que precisamos para continuarmos vivos como trabalhadores (Antunes, 1999, p. 172).

Karl Marx (apud Semerano, 2013) considerava que o trabalho era uma dimensão fundamental da vida humana, por meio da qual o homem transforma o mundo à sua volta e constrói sua identidade enquanto ser social. Além disso, Marx também destaca que é por meio do trabalho que o homem transforma a natureza, desenvolve habilidades, se relaciona com os outros e estabelece sua própria identidade (2013). Hegel (1807) complementa essa visão ressaltando que o trabalho é essencial para o homem, uma vez que por meio dele forja a si mesmo e se constitui na sociedade. Portanto, a plena constituição do ser humano ocorre a partir de suas relações com os demais, sendo o trabalho um elemento fundamental neste processo de socialização. Ainda segundo o autor é no seio da sociedade que o indivíduo encontra as condições necessárias para efetivar sua liberdade, sendo o trabalho a mediação essencial para a inserção ética no mundo social.

Cortella (2017), defende que o trabalho não deve ser apenas fonte de renda, mas sim como uma fonte de vida, ou seja, deixar de ser algo apenas que consome o trabalhador, mas que o impulsiona para frente, que faz crescer e evoluir. Ressalta também que o trabalho é aquilo que dá sentido à vida, de conectar o trabalhador a sua essência e com aquilo que faz sentir-se realizado profissionalmente. O autor destaca que o trabalho representa uma oportunidade de atribuir mais significado à vida, tanto nas atividades profissionais cotidianas quanto na atuação na sociedade de forma geral.

O trabalho humano evoluiu ao longo da história, passando por diversas formas de organização, desde a caça e a agricultura até a era industrial e agora a era digital. Essas transformações ocorreram basicamente pelas revoluções que ocorreram no mundo, principalmente a industrial, que ressignificou o papel do trabalho perante a sociedade, ou seja, o trabalho que antes era de forma artesanal passou a ser mecanizado. Sendo assim, Albornoz (1992), traz em seu livro: O que é trabalho? “uma viagem no tempo” - assim denominado por ela - toda a evolução do trabalho com o passar dos anos, desde a antiguidade até o modo de trabalho atual. Neste trecho, a autora menciona a atividade da caça, utilizando como exemplo os povos indígenas, que habitavam a Amazônia.

Colhem os frutos das árvores; pescam os peixes dos rios; caçam animais da floresta. Pescam e caçam o que der e vier, segundo sua tradição. Observam os rituais dos antepassados e fazem a festa onde consomem a caça e a pesca conseguidas. (Albornoz, 1992, p.15-16)

A revolução industrial mudou a percepção de trabalho. Antes da revolução industrial o trabalho era em grande parte de forma manual, artesanal e ligado ao campo, as pessoas produziam para sua subsistência e para pequenos comércios locais. Com a industrialização, surgem as fábricas, onde a produção em massa ganhou força, o trabalho passou a ser totalmente mecanizado. Este momento histórico marca uma divisão nítida entre o tempo que o trabalhador se dedicava ao trabalho e ao tempo livre, transformando profundamente o modo de vida. Albornoz (1992), analisa a capacidade humana de aprimorar tecnologias, mas que ao mesmo tempo, não consegue promover o bem-estar social.

Paradoxal é que no mesmo século em que construímos esse instrumento fantástico que é o cérebro eletrônico, as imensas possibilidades de um magnífico progresso de conhecimento, fruto de muito trabalho humano, se vão frustrar em uma tecnologia destrutiva da natureza e distanciada da felicidade dos homens. (Albornoz, 1992, p.22-23)

O trabalho hoje é um esforço planejado e coletivo, no contexto do mundo industrial, na era da automação (Albornoz, 1992), ou seja, atualmente o trabalho não é mais como nas sociedades antigas, em que se produzia apenas o necessário, agora o trabalho é organizado, dividido e/ou realizado em grupos dentro de estruturas organizacionais complexas. Mesmo com o crescente avanço das

tecnologias, a lógica da indústria ainda predomina, ou seja, a produtividade, metas e a eficiência ainda são os pilares do trabalho.

Na construção da identidade social e profissional, o trabalho exerce um papel fundamental. Isso porque, em grande parte o ser humano é definido, pelo o que faz (Cattani, 1996), ou seja, a sua atividade profissional influencia diretamente a forma como ele percebe e como é percebido pela sociedade. A identidade de uma pessoa não é definida apenas pelos aspectos pessoais, mas também pelas experiências vivenciadas no ambiente de trabalho, pelas funções desempenhadas e pelos papéis que assume a partir disso. Além de garantir a subsistência do indivíduo, o trabalho também é fonte de sentido, identidade e reconhecimento social, por meio disso, as pessoas constroem vínculos, desenvolvem habilidades, afirmam seu lugar na sociedade e idealizam seus objetivos de vida.

No Brasil, trabalha-se muito e mal (Cattani, 1996). Para o autor, esta afirmação está diretamente ligada a falta de qualificação, a falta de profissionalismo e a ineficiência de gerir a força de trabalho. Percebe-se que após anos desde a publicação desta obra, este problema ainda está presente na realidade do país. Como já apontava Cattani, esse cenário resulta em ciclo de ineficiência onde o esforço do trabalhador não se traduz em melhores resultados para a economia ou o bem-estar do próprio indivíduo. Portanto, na atualidade, torna-se cada vez mais necessário buscar o aprimoramento constante na área de atuação. Segundo o autor, é fundamental investir em qualificação, melhorar a gestão e criar melhores condições de trabalho, de modo a elevar tanto a produtividade, quanto o bem-estar dos trabalhadores. Esses aspectos são essenciais para tornar o desempenho mais eficiente e satisfatório no contexto profissional.

2.2 SUBJETIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A subjetividade e a constituição do sujeito são termos que estão profundamente interligados, pois dizem respeito a maneira como os indivíduos se formam e se reconhecem como sujeitos dentro de um contexto cultural, social e histórico. Segundo Maheirie (2002), esses termos não podem ser entendidos como estruturas fixas, mas sim como processos dinâmicos que acontecem ao longo da vida, a partir da interação que ocorre entre o sujeito e a sociedade. Ainda segundo a autora, a subjetividade parte da ideia das interações, como as emoções, medos,

pensamentos, crenças, lembranças. A constituição do sujeito é o processo de formação do mesmo, ou seja, o modo como ele vai se constituindo a partir das experiências que vive e da sociedade em que está inserido. A seguir serão apresentados a explicação da subjetividade e constituição do sujeito, com base em autores especialistas no assunto.

Segundo Foucault (1970, *apud* Aquino, 2019) o sujeito é considerado central no desenvolvimento de suas reflexões. Esta afirmação significa que, para entender o ser humano é preciso colocar o próprio sujeito no centro da reflexão de suas ações, entendendo como se constrói perante a sociedade, como ele pensa, age, sente e interpreta o mundo à sua volta.

O trabalho ocupa um papel central na construção da subjetividade e está inserido no campo de conhecimento que busca analisar o sujeito trabalhador, definido a partir das vivências e experiências adquiridas por ele no mundo do trabalho (Cattani, 1997, p. 240). Esse modo de entender como ocorre as relações de trabalho e trabalhador possui duas formas de análise: a primeira abordagem dá mais importância aos fatores econômicos e sociais que influenciam o trabalho, enquanto a segunda foca nas análises psicológicas, que costumam destacar aspectos individuais, como a motivação e o comportamento no ambiente de trabalho. Essa dupla abordagem evidencia a necessidade de compreender o sujeito trabalhador tanto em sua dimensão social, quanto individual para uma análise mais completa das relações de trabalho.

De acordo com Foucault, entende-se que a subjetividade do trabalhador é historicamente produzida por práticas sociais, resultado das interações contínuas com o ambiente e com as práticas cotidianas (Foucault, 1980, *apud* Aquino, 2019). Assim, o trabalho não apenas molda habilidades técnicas ou produtivas, mas também influencia nos sentimentos, percepções, modos de pensar e de se relacionar consigo mesmo e com os outros. A constituição do sujeito, portanto, está diretamente ligada às experiências vividas no mundo do trabalho, que contribuem para a formação da identidade e de como esse sujeito se posiciona no mundo.

Na análise da constituição ética do sujeito não se começa por tentar encontrar um conjunto ideal de valores que os indivíduos tomem como base para suas ações, mas sim por enfatizar que a subjetividade ética é formada por meio das ações diárias em práticas reais (GALVÃO, 2014, *apud* AQUINO, 2019).

Fonseca (2012), ao acompanhar o pensamento de Foucault, destaca que “o indivíduo-sujeito emerge tão-somente no cruzamento entre uma técnica de dominação e uma técnica de si. Ele é a dobra dos processos de subjetivação sobre os procedimentos de sujeição, segundo duplicações, ao sabor da história, que mais ou menos se recobrem”. Essa perspectiva desloca o enfoque de uma identidade fixa para uma subjetividade, construída ao longo da história. Assim, o sujeito é compreendido não apenas como produto das relações de poder, mas também como agente ético, capaz de reinventar sua própria existência.

Cattani (1997, p.241), ao refletir sobre o papel do sujeito no contexto das relações de trabalho, destaca a importância de considerar a perspectiva de Fonseca (1995, p.101) que afirma “o modo como o sujeito deve relacionar-se com a regra a qual se vê obrigado a cumprir e também a forma como deve se reconhecer como ligado a esta obrigação”. Essa ideia evidencia que a maneira como o trabalhador se relaciona com as regras influencia sua subjetividade, ou seja, seu modo de pensar, sentir e se perceber dentro do ambiente de trabalho.

Foucault (2009) escreveu, em 1982, o texto ‘O sujeito e o poder’. O autor propõe uma análise das relações de poder, não como algo exclusivamente repressivo, mas como um conjunto de práticas que constituem os sujeitos e moldam suas subjetividades. Para o autor o poder funciona através de mecanismos que organizam, controlam e educam os indivíduos, formando identidades e modos de existência. Por isso o sujeito não nasce pronto, acabado, mas é moldado pelas relações de poder que vive ao longo da vida. Foucault enfatiza que para compreender o poder exige analisar como ele age sobre os sujeitos e como estes podem resistir às formas de sujeição impostas.

O poder “só existe em ato” (Foucault, 1984, p.13), ou seja, não é algo que se concentra em instituições específicas, mas sim uma prática que se exerce, ocorrendo nas relações estabelecidas entre os sujeitos. O poder atua diretamente na formação da conduta do sujeito, influenciando na sua subjetividade e os modos de existência, ou seja, nenhum indivíduo nasce com uma identidade pronta, ela vai sendo construída ao longo da vida, conforme se relaciona com o mundo. Portanto, o sujeito é, ao mesmo tempo, formando pelas relações de poder e capaz de agir sobre elas, criando novas formas de existir e de se posicionar.

Uma das abordagens teóricas mais relevantes para compreender a relação entre trabalho e saúde mental é a Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvida por Christophe Dejours. Nesse sentido, o artigo 'Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do Trabalho' de Selma Lancman e Seiji Uchida (2003) analisa como a subjetividade dos trabalhadores se articula com a organização do trabalho, ressaltando que o sofrimento psíquico faz parte do próprio ato de trabalhar, ou seja, está presente de forma natural no cotidiano, mas que pode ser transformado em prazer ou sofrimento, dependendo das condições organizacionais em que o trabalho é realizado.

A relação entre trabalho e subjetividade é um tema central na psicodinâmica do trabalho que investiga como as experiências laborais influenciam na formação do indivíduo. Essa abordagem busca entender não apenas o impacto do trabalho sobre o sujeito, mas também como a subjetividade se constrói a partir do trabalho. Nesse sentido, o trabalho não pode ser visto apenas como uma atividade produtiva, desprovida de sentido, mas também como um espaço onde o sujeito vivencia experiências e desafios. É nesse processo que o trabalho coloca à prova a subjetividade podendo tanto enriquecê-la e trazer satisfação, quanto enfraquecê-la e gerar sofrimento. Dejours (2004) afirma essa ideia destacando que:

O trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual esta última sai acrescentada, enaltecida, ou ao contrário, diminuída, mortificada. Trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma. Trabalhar não é somente produzir; é, também, transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar (Dejours 2004, p.30).

Seguindo o pensamento de Dejours (2004), o trabalho vai além de uma simples atividade prática, ele representa uma forma de relação social imersa em estruturas de desigualdade, poder e dominação. Isso, porque ao trabalhar o indivíduo não apenas enfrenta os desafios, mas também lida com pressões do ambiente social em que está inserido. Assim, o trabalho envolve tanto a resistência imposta pelos aspectos materiais, quanto com os conflitos das relações sociais. Essas dimensões deixam claras as necessidades de desenvolvimento da subjetividade do indivíduo para que consiga lidar não apenas com exigências técnicas das tarefas, mas também com os desafios interpessoais presentes no ambiente de trabalho. Portanto, para o autor "Trabalhar é, também, fazer a

experiência da resistência do mundo social; e, mais precisamente, das relações sociais, no que se refere ao desenvolvimento da inteligência e da subjetividade” (Dejours 2004, p.31).

Ainda segundo Christophe Dejours (1993, *apud* Lancman et al. 2003) o sofrimento no trabalho está ligado às angústias profundas – principalmente aquelas ligadas à infância - da vida psíquica do sujeito, que se manifestam no cotidiano do emprego. O local de trabalho pode ser um bom lugar para elaboração deste sofrimento, desde que haja um ambiente coletivo de escuta e reconhecimento. Esse reconhecimento é essencial para que o sujeito se sinta valorizado e fortaleça sua identidade profissional. Assim, o trabalho não é apenas uma obrigação, mas também um espaço de construção subjetiva do trabalhador.

A subjetividade e a constituição do sujeito são processos que se formam ao longo do tempo, através das experiências e das relações sociais e culturais vivenciadas pelos indivíduos. A maneira como cada pessoa age e entende o mundo a sua volta é construído ao longo da vida, influenciada por regras, costumes e expectativas. Ao compreender que a identidade é algo que se forma com o tempo e não algo fixo, torna-se possível reconhecer que o sujeito está em constante transformação.

2.2.1 Relações de trabalho como dimensão constitutiva do sujeito

As relações de trabalho exercem um papel fundamental na constituição do sujeito, influenciando diretamente sua identidade, como valores e a forma de se relacionar com o mundo. As experiências vividas no ambiente de trabalho - sejam elas positivas ou negativas - moldam comportamentos, visões de mundo e trajetórias pessoais. Assim compreender as dimensões constitutivas do sujeito é reconhecer que ele vai além de uma atividade produtiva, mas que é um espaço de formação, expressão e transformação do ser humano. A seguir serão apresentados a explanação de conceitos que envolvem as relações de trabalho como dimensão constitutiva do sujeito, com base em autores especialistas no assunto.

Na sociedade atual - acelerada, hiperconectada e com estímulos a todo momento - torna-se mais difícil para os indivíduos conseguirem formar laços duradouros, construir uma identidade coletiva e/ou sentir parte de um grupo, isso porque o excesso de informação gera uma sobrecarga muito grande nas pessoas, e

quando falamos em trabalho, essa sobrecarga é muito mais forte e aparente, alguns fatores podem estar relacionados com o trabalhador possuir muitas tarefas ao mesmo tempo, uma pressão muito grande por resultados e metas e à constante demanda por respostas rápidas, e isto acaba esgotando o trabalhador. Neste sentido Lopes (2009) destaca esta ideia neste trecho de seu artigo.

Num mundo marcado pela instantaneidade, pela avalanche contínua de informações e pela crescente exposição a diferentes ideias e valores, a construção de referências coletivas e a sensação de pertencimento a um grupo são processos problemáticos para os sujeitos contemporâneos (Lopes, 2009, p. 92).

No mundo contemporâneo, o sujeito trabalhador se vê inserido em um cenário de intensas transformações tecnológicas. Lopes (2009) afirma que, em um contexto altamente automatizado, esse trabalhador precisará se reinventar, buscando novas formas de se manter ativo no mercado. O avanço tecnológico impõe ao trabalhador a necessidade de adaptação contínua. As habilidades que antes eram suficientes para garantir uma boa posição no mercado de trabalho, hoje tornaram-se obsoletas. A automação e a inteligência artificial estão cada vez mais tomando o lugar de muitas profissões, e isso faz com que o sujeito-trabalhador tenha que se reinventar a todo momento, não apenas no seu cargo ou função, mas sim no seu processo de evolução pessoal.

Lopes (2009) cita as principais características desta nova realidade que pode afetar o sujeito-trabalhador: a redução estrutural dos postos de trabalho e a precarização dos vínculos trabalhistas; a maior competitividade do mercado e a exigência contínua de individualização e inovação da produção; a flexibilização da organização do trabalho; a dinamização das tarefas e atividades e a consequente necessidade de maior qualificação e polivalência dos trabalhadores. Segundo o autor, todos esses elementos terão impactos decisivos na vida do trabalhador, alterando sua rotina e percepções. Lopes (2009) ainda traz as principais características que podem redesenhar as configurações de trabalho, frente às novas formas de organização de trabalho: a reestruturação das ocupações; a multifuncionalidade e polivalência dos trabalhadores; e a valorização dos saberes não ligados ao trabalho prescrito ou ao conhecimento formalizado. Esses elementos mostram que cada vez mais é preciso o trabalhador se diferenciar no mercado de trabalho.

Atualmente, o trabalho é um dos poucos locais onde ainda há socialização entre as pessoas, isso porque em um mundo cada vez mais globalizado os espaços de convivência e de interação estão cada vez mais escassos. Diante desse cenário Lopes (2009), destaca que a subjetividade do indivíduo (sentimentos, pensamentos e modos de se relacionar) é constantemente chamada a se posicionar, se reinventar, manter uma troca de experiências sólidas com as pessoas ao redor. Dessa forma o ambiente de trabalho passa a assumir um papel que vai além da produtividade: torna-se um espaço fundamental para a construção de vínculos, identidade e pertencimento. Em meio as transformações tecnológicas, preservar e valorizar essas interações humanas no cotidiano profissional é essencial para o bem-estar individual e coletivo.

Dejours (2004) compreende que as relações de trabalho se configuram como parte fundamental na constituição do sujeito, influenciando não apenas o cotidiano profissional, mas também a identidade e a subjetividade do indivíduo. É imprescindível desenvolver práticas que valorizem a experiência vivida no ambiente laboral, promovendo o diálogo e o reconhecimento das singularidades presentes nas relações de trabalho, isso faz com que se construam ambientes mais humanizados e inclusivos, onde o trabalho passa a ser compreendido como sendo um desenvolvimento integral. Essa perspectiva torna-se mais sensíveis as necessidades subjetivas e uma vida profissional mais significativa e alinhada com a identidade pessoal.

2.3 MODOS DE EXISTÊNCIA E PRODUÇÃO DE EXISTÊNCIA

A trajetória profissional de um indivíduo é marcada por escolhas, experiências e desafios que contribuem diretamente para a construção de sentidos e significados sobre si e sobre o mundo. Ao analisar essa trajetória, é possível compreender como o caminho profissional do indivíduo influencia a construção da subjetividade, seus valores e sua perspectiva de vida. Este tópico busca detalhar como o indivíduo dá sentido à sua vida e constrói seus modos de existência a partir da vivência profissional, das escolhas feitas ao longo do tempo e dos significados atribuídos às suas experiências no mundo do trabalho.

A construção dos modos de existência, segundo Duarte (2016), ocorre no cenário do trabalho contemporâneo em que o sujeito é afetado pelas condições

objetivas e subjetivas do labor, experimentando o trabalho não apenas como meio de subsistência, mas como um espaço de construção de sentidos e subjetividade. A autora também destaca que o trabalho atua como um mediador entre o indivíduo e o social, ou seja, ajuda a formar jeitos de ser, que mostram tanto a capacidade de criar e de transformar quanto o sofrimento e a exclusão causada por condições ruins de trabalho, marcadas pela lógica neoliberal. É o que Duarte, traz nesta seguinte citação.

O trabalho participa da construção de si, permeando o processo identitário, em que se reconhecer demanda ser reconhecido pelo outro. O labor insere o sujeito no campo social, onde estão enleadas a objetividade e a subjetividade, o concreto e o simbólico, o universal e o particular, o socius e o singular (Duarte, 2016 p. 188).

Duarte (2016) propõe uma compreensão ampliada do trabalho, destacando que ele não envolve apenas a execução das tarefas do dia a dia, mas envolve o corpo (o ser humano como um todo), os afetos (emoções) e a inteligência do trabalhador (capacidade de pensar e criar), influenciando diretamente na sua identidade. O labor ultrapassa os limites físicos dos espaços de trabalho ou da casa, moldando modos de existência e sendo parte fundamental dos processos de subjetivação. No trabalho, como uma das dimensões que mais exigem energia da vida contemporânea o sujeito dá sentido à sua vida e a transforma, e ao mesmo tempo é transformado por ele.

Em suma, o trabalho, ao compor modos de existência, participa de maneira chamejante dos processos de subjetivação que põem em curso (e faz o curso) da vida humana. Adentra na intimidade, forja relações sociais e confere rumo às vivências (Duarte, 2016 p. 188).

Os modos de existência são moldados historicamente e socialmente, sendo profundamente influenciado pelas desigualdades estruturais e pela privação dos direitos do trabalhador. Essas condições impõem diversos limites à construção da identidade do sujeito trabalhador, dentro do campo organizacional, evidenciando como as dinâmicas de exploração, precarização, impactam diretamente na saúde física e emocional do indivíduo (Duarte, 2016). Nesse sentido, as narrativas, que relatam as experiências diversas que associam os sujeitos e o trabalho podem representar um conhecimento importante para expor as condições do mundo do

trabalho contemporâneo, possibilitando uma reflexão crítica acerca das relações de poder dominantes no labor.

Como síntese desta reflexão, Duarte (2016, p. 195), destaca que: “Narrar para viver, mas denunciar a morte, indagando que forma de vida temos construído e qual almejamos.” – representa que narrar para viver é basicamente afirmar a importância da memória e da escuta como forma de existência e resistência, modulações que acompanham diferentes modos de existência e produção desses modos de existência, a partir das interfaces do sujeito com a realidade, sendo o trabalho uma importante dimensão neste quadro.

Ribeiro (2020), traz outras reflexões interessantes acerca dos modos de existência. A autora destaca que os modos de existência, a partir das noções desenvolvidas por Foucault e Souriau, podem ser utilizadas como um modelo estratégico para ajudar a abordar problemas de forma mais simples, especialmente no campo da educação. Enquanto Foucault “foca nos modos de existência a partir de uma problematização do sujeito e da experiência, sugerindo, no horizonte de uma dessubjetivação radical, uma experiência da impossibilidade” (Ribeiro, 2020 p. 912). Souriau discute “modos de existência a partir de uma problematização da obra estética, evocando, no próprio trabalho dessa obra, os movimentos singulares de instauração e de inacabamento” dos sujeitos (Ribeiro, 2020 p. 912).

A combinação dessas perspectivas abre diferentes possibilidades no campo da educação e da pesquisa, isso porque, problematizar os modos de existência implica em repensar o próprio modo de investigar a existência dos sujeitos na sociedade a partir das relações que estabelecem entre si e nas vivências associadas a suas existências.

Mansano (2009) traz algumas considerações acerca dos modos de subjetivação, com o objetivo de refletir sobre os caminhos possíveis para a transformação da vida na contemporaneidade. Mansano (2009), com base nos pensamentos de Foucault (1995) enfatiza que os modos de subjetivação não são naturais nem universais, mas sim produtos de transformação histórica e de condições sociopolítica de cada tempo. Isso significa que o sujeito é uma construção (moldados pelas relações de poder, pelas normas sociais e pelas formas de saber). Essa ideia é enfatizada em “Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos” (Foucault, 1995 apud Mansano 2009, p. 112).

Mansano (2009), ao retomar o pensamento estoico de Foucault (1985) investiga como os sujeitos tornam-se sujeitos em diferentes momentos históricos. Ele destaca o “cuidado de si” dos gregos, onde o sujeito cultivava livremente sua própria existência como forma estética e política. No entanto essa liberdade foi sendo substituída por normas e obrigações, como o estoicismo. Foucault (1985) observava nos povos gregos que o “cuidado de si” era um exercício ético, escolhido por aquelas que queriam construir uma vida ‘bela’ e governar a cidade. No entanto essa prática exigia uma transformação de hábitos e valores. O “cuidado de si” permitia ao indivíduo refletir sobre suas ações, buscando sempre melhorar a vida coletiva. Sobre este argumento, o autor destaca que:

[...] a opção por construir uma vida bela poderia ser escolhida por qualquer um, mas não encontrava a adesão de toda a população, uma vez que fazer isso implicava uma série de condutas e restrições que nem todos estavam dispostos a acolher (Foucault, 1985, p. 113).

Ao longo da história os modos de sujeição foram sendo moldados por diferentes discursos de poder (Mansano, 2009). No mundo contemporâneo Foucault comenta os dois desafios principais enfrentados pelo sujeito:

(. . .) contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (luta contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão) (Foucault, 1995, *apud* Mansano 2009, p. 114).

No contexto contemporâneo, a resistência política ganha um novo sentido ao questionar práticas naturalizadas, como o individualismo, que predomina no dia a dia do sujeito. (Mansano, 2009 p. 114) destaca que: “Resistir hoje se torna uma ação política quando, por exemplo, recusamos o individualismo já tão naturalizado em nosso cotidiano e insistimos nos encontros, fazendo circular as invenções microsociais de novas formas de vida que não se reverterem em regras universais obrigatórias”. Essa perspectiva aponta para a importância de valorizar formas coletivas e diversas de existência, rompendo com padrões rígidos e possibilitando a criação de novos modos de existir.

Ou seja, por um lado resistir as formas externas de dominação, como imposições sociais, econômicas e culturais; e por outro lado enfrentar as formas internas de sujeição, ou seja, o modo como o indivíduo lida com normas, valores e

formas de vida que são impostas. Isso demonstra como o sujeito esteve (e ainda assim o é) inserido em um ambiente que busca moldá-lo de acordo com normas e padrões dominantes, mas que ao mesmo tempo é “chamado” a resistir a essas imposições e ressignificar seu modo de existência.

Assim “a subjetividade é constituída a partir do plano do desejo. Desejo que é produzido nos indivíduos por agenciamentos de poder. [...] produzindo então, os modos de pensar, os modos de agir, os modos de desejar, os modos de sentir, que interessam ao sistema capitalista” (Feliciano e Peixoto, 2019 p.71-72). Nesse sentido, a subjetividade é moldada por desejos que são produzidos a partir das relações de poder, ou seja, a forma como os sujeitos pensam, agem, sentem e desejam, não é considerado algo natural, mas que é influenciado por agentes externos, na relação com o outro e pelas condições de existência impactadas por fatores como a mídia, que frequentemente orientam seus interesses conforme as demandas do sistema capitalista.

Os modos de sujeição podem assumir diferentes formas e cada uma delas contribui para a criação de diferentes modos de vida. Esses modos não são fixos nem universais, pois dependem do contexto histórico, social e cultural do qual o sujeito está inserido. Entender os modos de subjetivação é importante para reconhecer que a existência humana está em constante transformação e que cada sujeito pode, a partir de suas experiências participar de novos modos de existência.

2.4 O SETOR PÚBLICO COMO ESPAÇO DE TRABALHO

O setor público como espaço de trabalho é formado por instituições e órgãos que são administrados pelo governo, que tem por objetivo oferecer um serviço justo e de qualidade para a sociedade. Esta, talvez, seja uma das principais diferenças entre o setor público, enquanto este zela pelo interesse público e pela qualidade de vida da sociedade, o setor privado está mais interessado na obtenção de lucro. A seguir serão apresentados a explicação do setor público, enquanto espaço de trabalho, com base em autores especialistas no assunto.

As relações de trabalho no serviço público, assim como em qualquer outro setor, são influenciadas diretamente, pelas transformações socioeconômicas, que ocorrem na sociedade, essas transformações podem ser, mudanças organizacionais, evolução do mercado de trabalho e avanço da tecnologia. É o que

Alves, Monteiro e Silva (2014, p.140), citam em seu trabalho 'Relações de Trabalho no Setor Público', "as relações de trabalho que se estabelecem no serviço público também sofrem a influência das transformações socioeconômicas, bem como das relações que se estabelecem no setor privado". Portanto, fica evidente que as relações de trabalho no setor público não estão isoladas, mas sim interligadas as dinâmicas socioeconômicas mais amplas. Essas influências exigem uma constante adaptação, tanto das estruturas organizacionais quanto das práticas laborais, refletindo as mudanças e desafios presentes em todo o mercado de trabalho.

Ribeiro e Mancebo (2013) afirmam que na contemporaneidade as organizações buscam um novo perfil de trabalhador: mais qualificado, participativo e polivalente. Essa exigência reflete transformações nas formas de gestão e no próprio modo de subjetivação do indivíduo no mundo do trabalho. O sujeito trabalhador é constantemente obrigado a se reinventar e adaptar-se as novas mudanças no mercado, que ocorrem a todo momento. Com isso, a subjetividade do trabalhador, torna-se um produto histórico, moldado pelas práticas cotidianas, que interfere no seu comportamento e nos modos de ser.

O setor público vem passando por intensas transformações, aproximando-se cada vez mais das lógicas do mercado. A partir da Reforma do Estado, em 1995, influenciadas por ideias neoliberais, a administração pública passou a adotar práticas típicas do setor privado. Com isso, a organização do trabalho nos órgãos públicos foi profundamente modificada. Essa mudança impactou tanto a cultura institucional, quanto a maneira como os servidores se relacionam com suas atividades, promovendo uma reconfiguração da gestão e influenciando diretamente na subjetividade dos trabalhadores. Nesse sentido, Ribeiro e Mancebo (2013), destacam que:

O serviço público é considerado ineficiente e muito oneroso, e, em função disso, precisa enfrentar todo um processo de reestruturação. A lógica da fábrica magra se estende aos órgãos públicos, influenciando de maneira decisiva as políticas, as estruturas e a cultura das organizações estatais (Ribeiro e Mancebo 2013, p. 195).

Ainda segundo Ribeiro e Mancebo (2013) além das mudanças estruturais, o serviço público também enfrenta muitos desafios ligado à desvalorização. Os servidores são frequentemente alvos de discursos depreciativos, que os associam a ineficiência, ao comodismo e ao desperdício de recursos. Essa visão negativa,

reforçada pelos meios de comunicação e por setores da sociedade, compromete o reconhecimento do trabalho realizado por esses profissionais. Como apontam Ribeiro e Mancebo (2013, p.199) “verifica-se, na prática, uma verdadeira campanha caracterizada por atitudes de desprezo, discriminação, descrédito e desvalorização direcionada a esse setor”, o que contribui para o enfraquecimento da identidade profissional do servidor.

Paralelamente a essa visão, as autoras compararam os serviços público e privado, evidenciando a crescente desvalorização do serviço público. No senso comum, o que é público é frequentemente associado a aspectos negativos, enquanto o que é privado costuma ser idealizado como eficiente. Essa oposição revela uma crítica a lógica neoliberal, que tende a desqualificar o papel do Estado e enaltecer o mercado, como um modelo de gestão eficiente.

Por público, considera-se tudo o que é ineficiente, associado ao desperdício, à corrupção, à falta de controle e coordenação, e o privado é apontado como o lugar de eficiência e de excelentes resultados. O serviço público carrega consigo características depreciativas atribuídas tanto aos órgãos em si quanto aos servidores que neles trabalham (Ribeiro e Mancebo, 2013, p.199).

Apesar das críticas e transformações que atingem o serviço público, a estabilidade ainda é um dos principais atrativos para muitos trabalhadores, que buscam um trabalho mais estável, diante das incertezas do mercado. Em um cenário de intensa precarização das atividades laborais e da alta rotatividade do setor privado, o serviço público se torna uma alternativa segura. Segundo Ribeiro e Mancebo (2013, p 201) “um vínculo empregatício estável constitui um dos maiores atrativos para o ingresso e a permanência no serviço público”. Ou seja, é cada vez mais frequente que trabalhadores optem por cargos públicos como forma de alcançar um porto seguro, priorizando a segurança financeiro em detrimento da realização profissional e pessoal.

Outro ponto de extrema relevância é o ingresso no serviço público por meio dos concursos públicos, este é considerado como elemento central para garantir esta estabilidade. Além disso, os concursos públicos têm a função de organizar este ingresso para que a seleção dos candidatos seja feita de forma correta, com base no mérito e em critérios técnicos. Isso ajuda a valorizar e a profissionalizar quem trabalha no espaço público. A escolha por serviços públicos muitas vezes, vem da

decepção vivida por quem experimentou se inserir no mercado de trabalho privado. “os concurseiros exprimem a situação econômica, social e educacional vigente e os obstáculos no mundo do trabalho; veem no serviço público garantia de um emprego estável” (Albrecht 2010, *apud* Ribeiro e Mancebo, 2013, p.199).

Pensar o serviço público no mundo do trabalho contemporâneo exige uma reflexão crítica sobre o reconhecimento e a valorização, resgatando o sentido do trabalho como uma fonte não apenas de sustento, mas também de dignidade e pertencimento a uma cultura. Ribeiro e Mancebo (2013, p.205) afirmam esta ideia em: “A recompensa do trabalho não é só a estabilidade financeira; o trabalho comparece também como uma importante fonte de prazer quando existe espaço para o reconhecimento social da contribuição pessoal”. Nesse sentido, é fundamental construir um ambiente favorável, que valorize, incentive e motive o trabalhador para que o serviço público possa proporcionar realização pessoal e profissional.

No contexto das transformações do setor público brasileiro Gomes et.al (2012) apresentam uma análise crítica das políticas de recursos humanos entre os anos 2003 e 2010, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Embora tenham ocorrido avanços significativos como a “reestruturação de várias carreiras, a retomada dos concursos, a criação da Mesa Nacional de Negociação Permanente, a reforma previdenciária e os reajustes seletivos das remunerações manifestam a ambiguidade como marca fundamental das políticas de recursos humanos” (Gomes et.al 2012 p.167).

No contexto das reformas administrativas durante a década de 90, observa-se uma forte influência do “Consenso de Washington” que passou a orientar as políticas públicas com foco na contenção de gastos e ajuste fiscal. Nesse cenário o funcionalismo público passou a ser visto, pelos governantes, como um entrave orçamentário, o que levou a adoção de medidas que reduziam o número de servidores efetivos, limitaram concursos públicos e promoveram formas precárias de contratação, como terceirização e vínculos temporários. Como destacam Gomes et.al (2012), a universidade pública tornou-se um exemplo emblemático do impacto dessas políticas, com prejuízos evidentes na qualidade dos serviços oferecidos:

Os dados da PNAD (IBGE, 2009) mostram, por exemplo, queda de quase 19% no número de professores do ensino superior entre 1995 e 1999. Os denominados “substitutos” (temporários com contrato especial) conseguiram

apenas minimizar o problema, mas que ficou longe de uma solução adequada (Gomes et.al 2012, p.171).

Durante o governo Lula o serviço público passou por muitas iniciativas voltadas a reverter a lógica predominante na década de 90. Entre algumas medidas adotadas destacam-se a recomposição do quadro de servidores por meio de concurso público, reestruturação de carreiras e a implementação de políticas de capacitação e a criação da mesa nacional de negociação permanente, que buscava estabelecer um novo padrão das relações de trabalho com os servidores. Porém essas ações ocorreram de forma ambígua: ao mesmo tempo que tentavam uma abertura ao diálogo e a valorização profissional, outras medidas continuaram a impor limites significativos, como o controle rígido de gastos. Como apontam os autores, “o sistema mostrou-se falho e o que é pior: além de não garantir o atendimento dos acordos e compromissos firmados em negociações legitimadas pelo próprio governo, a expectativa criada por reuniões – quase sempre infrutíferas – passou a gerar grande revolta e inconformismo nos servidores” (Gomes et.al 2012, p.175).

Com base nos estudos de Gomes et.al (2012) o serviço público do Brasil pode ser compreendido como um campo de constante disputa, marcada por avanços pontuais e permanentes contradições. Por meio disso, nota-se que as iniciativas para aprimorar a gestão de pessoas convivem com obstáculos estruturais que dificultam mudanças mais profundas.

Nesse contexto o serviço público se apresenta como um espaço estratégico no mundo do trabalho, onde se articulam dimensões como estabilidade, reconhecimento e sentido coletivo. Mais do que “apenas” garantir empregos, ele representa um campo de realização pessoal e profissional. No entanto ainda fica no “meio” de lógicas que ora valorizam a sua função, ora subordinam o gerencialismo. Reconhecer essas dimensões é importante para repensar o papel do servidor público como agente transformador, comprometido com a qualidade dos serviços ofertados à população.

Nesse mesmo sentido, a pesquisa realizada por Silva, Barboza e Roda (2024) com servidores da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) reforça a complexibilidade das relações de trabalho no setor público, evidenciando como prazer e sofrimento estão presentes no cotidiano laboral. Apesar das condições adequadas e da autonomia para a execução das tarefas, muitos trabalhadores enfrentam situações adversas, seja pela, sobrecarga de trabalho, pela

falta de reconhecimento, compreensão de que há falta de compromisso com o trabalho por parte de colegas, questões políticas, pressão para a execução de atividades e desorganização dos processos de trabalho. Segundo as autoras “os sentimentos negativos das pessoas entrevistadas podem afetar os processos, os relacionamentos e o ambiente de trabalho, uma vez que podem ser geradores de mal-estar laboral e baixa produtividade” (Silva, Barboza e Roda, 2024, p. 58).

Essas situações causam comportamentos retaliatórios, ainda que sutis, e revelam tensões que afetam a motivação e o compromisso com os servidores. As entrevistas deste estudo mostram que no setor público, ao mesmo tempo em que há estabilidade, também podem ser identificados fatores de desgaste psíquico. Tais experiências demonstram que o sofrimento no serviço público não se manifesta de forma uniforme, mas é vivenciado de maneira subjetiva, variando conforme a trajetória e as percepções de cada indivíduo. Como destacam as autoras.

[...] as pessoas entrevistadas reagem de formas diferentes às dificuldades nas situações de trabalho, uma vez que cada servidor ou servidora expressou uma percepção distinta sobre as vivências de sofrimento laboral. Portanto, embora muitos/as ocupem o mesmo cargo ou função, as experiências das pessoas entrevistadas são particularizadas, alinhando-se a Dejours, Dessors e Desriaux (1993) ao afirmarem que o sofrimento tem origem no interior de cada sujeito, de seu passado, de suas experiências e percepções de vida (Silva, Barbosa e Roda, 2024 p.55).

Nesse contexto a relação entre prazer e sofrimento revela uma tensão constante no cotidiano laboral de organizações públicas. Dessa forma, é possível compreender que o trabalho não se manifesta apenas como forma de realização e pertencimento, mas também como um espaço de conflitos subjetivos e emocionais. Na UNIVASF, as manifestações de retaliação surgem como mecanismos individuais utilizados pelos servidores para lidar com situações consideradas injustas, por eles, como a má distribuição das tarefas, por exemplo. Essas atitudes mesmo que discretas sinalizam insatisfações que podem comprometer o clima organizacional e a eficiência do serviço público. O reconhecimento desses aspectos negativos é importante para promover melhorias no ambiente de trabalho, e poder fortalecer relações interpessoais, e consequentemente afetar a subjetividade e a produtividade no trabalho.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A ciência é um espaço de produção de conhecimento organizado e sistematizado que busca entender e explicar fenômenos sociais por meio da razão, da observação e da verificação. Segundo Ferrari (1982, p. 8), ciência “é um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”.

O conhecimento científico é um tipo de conhecimento baseado em estudos, observações e evidências. Busca explicar a realidade de forma objetiva e verificável. Segundo Pereira, et. al. (2018), o conhecimento científico é baseado em fatos reais, pode ser testado por experimentação, é organizado de forma lógica, permite verificação, não é definitivo, pois determinada ideia pode ser substituída por outra, a partir de novas comprovações e experimentações científicas, e está sempre sujeito a revisões com novas descobertas e técnicas.

Este capítulo descreve a metodologia proposta para esta pesquisa, incluindo os métodos e procedimentos utilizados para a obtenção dos resultados. Gil (2008) define metodologia como um caminho de pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, definindo as etapas que irão nortear o pesquisador em seu estudo. A metodologia científica é importante para o desenvolvimento de uma pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O recorte analítico de estudo desta pesquisa é a trajetória de vida e trabalho de uma trabalhadora que, atualmente, desempenha uma função gerencial na Administração Pública Municipal de um pequeno município da região do Médio-Alto Uruguai gaúcho. Este sujeito tem aproximadamente 50 anos e possui vasta experiência profissional. Diante disso, o foco estará na análise da história de vida a partir da qual será observada a subjetividade deste indivíduo e como esta contribui para produção de seu modo de existência, ou seja, como ela narra, interpreta e ressignifica a sua trajetória profissional em interface com sua constituição como sujeito. A escolha por essa unidade de análise está fundamentada na abordagem de pesquisa qualitativa, que privilegia a escuta aprofundada e a compreensão dos sentidos construídos ao longo do tempo.

A escolha da unidade de análise – trajetória profissional de indivíduo em fase madura da carreira – deve-se ao fato que nesta fase o sujeito já acumula uma diversidade de experiências que permite uma reflexão mais ampla e aprofundada sobre os sentidos atribuídos ao trabalho e as escolhas realizadas ao longo do tempo. Além disso, profissionais com esta característica permitem ampliar as reflexões sobre passado/presente o que tende a trazer mais informações e proporcionar uma ampla caracterização a partir do problema proposto, considerando tanto os aspectos objetivos da carreira (cargo, funções, mudanças de área) quanto os aspectos subjetivos (motivação, valores, frustrações e conquistas) que moldam a identidade profissional.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como foco analisar de que modo as relações de trabalho no setor público municipal contribuem para a constituição do sujeito-trabalhador, a partir da análise de sua trajetória profissional. Portanto, faz-se necessário definir a pesquisa quanto aos processos metodológicos que orientam a sua estrutura e abordagem. A seguir, apresentam-se a sua classificação quanto a natureza dos dados, quanto aos fins (objetivos) e aos meios utilizados.

Quanto a natureza dos dados, esta pesquisa é qualitativa, pois baseia-se na interpretação dos relatos do sujeito. O foco está na compreensão de como o sujeito pesquisado construiu suas vivências sociais e como estas formaram traços de seu modo de existência e subjetividade a partir das interações com diferentes ambientes de trabalho. Essa abordagem valoriza mais os processos e os sentidos atribuídos as pessoas do que dados numéricos.

A pesquisa, de natureza qualitativa, adota a análise de trajetórias como ferramenta metodológica, possibilitando uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisado e, assim, o aprofundamento das experiências. Assim como define Dtcom (2022, p.1) “a pesquisa qualitativa busca entender fenômenos humanos, buscando deles obter uma visão detalhada e complexa por meio de uma análise científica do pesquisador”. A pesquisa qualitativa parte do entendimento de que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa, não requerem o uso de métodos e técnicas estatísticas e o ambiente natural ou social é fonte direta para a coleta de dados, no qual o pesquisador é o instrumento-chave. Em pesquisas de natureza qualitativa os pesquisadores tendem a analisar os dados indutivamente e tem como referência central as características dos fenômenos que são estudados, sendo eles próprios parte do processo de investigação nas interações com o campo de pesquisa. Sendo assim, o processo de análise e os significados e sentidos produzidos na relação com o campo e os dados dele decorrentes são os focos principais da abordagem qualitativa (Matias-Pereira, 2012).

Em relação aos fins (objetivos) trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva. Como estratégia investigativa a pesquisa propõe conhecer de forma detalhada e aprofundada o tema a ser investigado, a partir da relação direta com o sujeito foco da análise proposta para a pesquisa. A descrição das experiências vividas pelo sujeito-trabalhador pretende descrever de forma aprofundada e detalhada traços que permitam especificar o processo de constituição do sujeito estudado. A combinação desses dois tipos de pesquisa, permite tanto a descoberta de novas percepções quanto a descrição detalhada do fenômeno estudado, o que permite maior aprofundamento analítico na pesquisa.

Por fim, a entrevista foi o principal instrumento de coleta de dados. Com questões previamente elaboradas, possibilitará ao pesquisador obter informações mais objetivas e, ao mesmo tempo, favorecerá respostas mais detalhadas, enriquecendo o conteúdo e ampliando a profundidade da análise.

3.3 PROPOSTA METODOLÓGICA DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestrutura, conduzida de forma particular e presencial (conforme disponibilidade e autorização expressa da entrevistada). A entrevista teve duração aproximada de duas horas e seguiu um roteiro de perguntas previamente formuladas, porém flexíveis o suficiente para permitir a livre expressão da entrevistada, favorecendo o relato de sua experiência profissional e dos significados que atribuiu a essa vivência.

O recorte da pesquisa é composto pela análise da trajetória profissional de uma trabalhadora do serviço público municipal. A escolha dessa participante justifica-se pelo fácil acesso ao campo de pesquisa, bem como pela extensão de sua trajetória profissional, marcada por um amplo acúmulo de experiências ao longo dos anos. Tal percurso possibilita uma análise mais aprofundada dos processos de construção de sentidos e significados atribuídos ao trabalho, uma vez que a longa vivência no serviço público favorece a emergência de narrativas ricas, reflexivas e contextualizadas sobre as relações de trabalho e a constituição do sujeito-trabalhador.

A coleta de dados foi por meio da entrevista e observação não participante. Está, por sua vez, consiste em acompanhar, de maneira discreta, os comportamentos, interações e acontecimentos sem interferir diretamente. Essa prática é relevante para compreender como a trabalhadora está inserida em seu ambiente laboral e de que forma atua em sua rotina.

Os dados obtidos foram as respostas da entrevista, que continham relatos de momentos marcantes da vida profissional, motivações, desafios, conquistas, frustrações e percepções sobre o sentido do trabalho. Esses relatos também incluíam elementos emocionais, simbólicos e identitários, fundamentais para a compreensão dos significados construídos ao longo do tempo.

A finalidade desta pesquisa é exploratória, uma vez que busca aprofundar o conhecimento sobre o problema estudado, favorecendo sua compreensão e possibilitando a análise de aspectos específicos presentes nas interpretações sobre ele. A grande maioria dessas pesquisas envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e a análise de exemplos que estimulem a compreensão de um campo de pesquisa atípico (Gil, 2009). Severino (2013, p.107), afirma que a pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.

Em complemento, o estudo também contempla uma abordagem descritiva. Segundo Gil (2009), este tipo de pesquisa visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. Para tanto, serão compostos instrumentos próprios para apoiar a coleta de dados em campo.

Matias-Pereira (2012), explica que os instrumentos de coleta de dados tradicionais são a observação – quando se utilizam os sentidos na obtenção de dados de determinados aspectos da realidade - e a entrevista, que é a obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema. A entrevista enquanto estratégia de coleta de dados pode ser padronizada ou (semi) estruturada, a qual se caracteriza por possuir roteiro previamente estabelecido. Para este projeto de pesquisa, a entrevista será o ponto central da coleta de dados, permitindo uma compreensão aprofundada sobre as experiências e percepções do sujeito entrevistado a partir de um roteiro semiestruturado que permitirá iniciar os questionamentos a serem aprofundados junto ao sujeito investigado.

Severino (2013) define a entrevista como uma técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado, estratégia muito utilizada nas pesquisas da área de ciências humanas e sociais, no qual o pesquisador visa apreender a partir do que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Após a obtenção destas respostas, elas foram armazenadas em um arquivo seguro, garantindo a integridade das informações.

3.4 PROPOSTA METODOLÓGICA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A proposta metodológica de história de vida como referência para análise de dados consiste em uma abordagem qualitativa que valoriza a narrativa individual como fonte central para compreender experiências pessoais, permitindo a reconstrução de trajetórias, sentidos e significados atribuídos pelo sujeito à sua própria existência. Como afirma Silva et al, (2007 p.3).

Emolduradas na metodologia qualitativa, as abordagens biográficas caracterizam-se por um compromisso com a história como processo de rememorar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito. Neste contexto, a memória é algo presente na existência do homem, o que implica numa valiosa importância de seu resgate cuidadoso e ético.

As histórias de vida permitem compreender como as experiências individuais se relacionam com a sociedade, a cultura e as instituições. Vários autores, trazem diversas contribuições sobre o método 'história de vida'.

De acordo com Nogueira (2004, *apud* Silva, et.al 2007), a história de vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa, isso porque se estabelece uma relação de confiança entre o pesquisador e o participante. Ao relembrar sua trajetória, o sujeito tem a oportunidade de reinterpretar e ressignificar o que aconteceu com ele no passado. Bem como, essa dinâmica possibilita ao sujeito reconhecer-se como protagonista de sua própria história, em constante transformação.

Ferrazza e Antonello (2017, p. 22) apontam que o método 'história de vida' é relevante para pesquisas que buscam compreender fenômenos mais complexos, pois possibilita acessar as experiências individuais com mais profundidade. Para elas, "a utilização da história de vida [...], permite ao pesquisador voltar seu olhar a uma dimensão individual que o leva para o entendimento do social respeitando as singularidades dos participantes da pesquisa".

A história de vida pode ser considerada um "relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu" (Queiroz, 1988, *apud* Ferrazza e Antonello, 2017, p.24). Esta definição enfatiza o caráter subjetivo e interpretativo da narrativa, no qual o sujeito não apenas lembra de fatos que ocorreu, mas também compreende toda sua trajetória, além de compartilhar os aprendizados construídos ao longo do tempo.

De acordo com Closs (2015) ao analisar as trajetórias de sete executivos, a partir da análise das trajetórias de vida, foi possível destacar como suas decisões profissionais são moldadas tanto por fatores pessoais quanto contextuais. Por meio das entrevistas, os participantes expressam suas motivações, valores e escolhas de carreira, revelando como esses elementos são construídos ao longo do tempo. O estudo mostra que, embora cada trajetória pareça única há pontos em comum que evidenciam a influência do contexto social.

Para este projeto de pesquisa a história de vida é vista como uma estratégia de pesquisa que utiliza relatos pessoais para compreender melhor a experiência do sujeito trabalhador. Esses relatos serão obtidos por meio de entrevistas e registradas por escrito. O que diferencia este método é a contextualização pessoal, histórica, social, institucional e/ou política de narrativas (Closs, 2015) revelando ações e emoções, bem como interações entre pessoas e eventos, além das vivências que ajudam a moldar essas experiências.

Para a realização da pesquisa, foi conduzida uma entrevista previamente agendada pelo pesquisador, em comum acordo com a trabalhadora participante, sendo realizada em local escolhido por ambos, preferencialmente em ambiente mais reservado, de modo a favorecer que o entrevistado compartilhe seus relatos com mais liberdade. Neste primeiro contato foi explicado o objetivo da pesquisa e a forma como a entrevista aconteceria. Para tanto, foi solicitada a autorização para a gravação de toda a entrevista, com o objetivo de garantir que o pesquisador pudesse captar todas as informações. O anonimato do participante foi assegurado como forma de estabelecer, desde este primeiro momento, uma relação de confiança, essencial nesse tipo de estudo (Closs, 2015)

Já na segunda entrevista a trabalhadora, foi convidada a relatar sobre sua trajetória de vida, destacando experiências do passado e do presente que marcaram sua vida profissional. Neste momento, apenas a trabalhadora se manifestou, enquanto o entrevistador, escutou atentamente e fez anotações, se necessário. Isso porque, neste tipo de entrevista, é importante deixar que o entrevistado conduza seu próprio relato, trazendo suas percepções e os aspectos que considera mais relevante (Closs, 2015). Da mesma forma, para garantir o anonimato da entrevistada, será usado um nome fictício para identificar a entrevistada.

Depois disso, os resultados obtidos foram verificados por meio de leituras atentas, a partir do relato da história de vida do sujeito, com o objetivo de identificar experiências e significados que foram relevantes para a entrevistada. Essa análise permitiu compreender como determinados eventos impactaram sua trajetória profissional e pessoal, revelando aspectos subjetivos que contribuem para a construção de sua identidade. Por meio dessas leituras, foram extraídos elementos que evidenciam seus valores, aprendizados e transformações vivenciados ao longo da carreira.

A proposta de análise de dados foi aplicada por meio da análise de conteúdo, que consiste em examinar os dados da entrevista e demais informações coletadas para identificar padrões, categorias e significados nos relatos dos participantes. Buscando compreender como o sujeito-trabalhador constrói sua identidade no ambiente de trabalho. Segundo Valle e Ferreira (2024) “análise de conteúdo corresponde a um conjunto de técnicas por meio das quais se pode analisar um grupo de dados”. A análise feita a partir da entrevista, pode ser entendida como um momento de compreender a trajetória profissional do sujeito e ao mesmo tempo de

analisar como essas experiências trazem significado e influenciam a relação do trabalhador com os demais. Dessa forma, buscou-se não apenas mapear os caminhos percorridos, mas também entender o impacto dessas vivências no ambiente e nas interações profissionais.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Neste capítulo são discutidas as etapas utilizadas para o desenvolvimento da análise da trajetória profissional da servidora pública que foi entrevistada. Os resultados apresentados refletem as informações coletadas durante a entrevista, permitindo compreender o percurso profissional da servidora, suas experiências, escolhas e desafios ao longo da carreira.

Para a apresentação dos dados, a entrevistada é apresentada com o pseudônimo “Maria”, como forma de preservar o anonimato, seguindo os preceitos éticos da pesquisa científica.

4.1 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE TRABALHO QUE PERPASSA A EXISTÊNCIA DO SER-SUJEITO

A análise de trajetória de trabalho que perpassa a existência do ser-sujeito permite compreender como a existência laboral vai além da mera execução de tarefas, configurando-se como um espaço de construção de identidade, sentidos e pertencimento. O percurso profissional não se limita ao acúmulo de funções ou cargos ocupados, mas revela como o indivíduo se constitui no processo de viver e trabalhar, enfrentando desafios, aprendendo e adaptando-se e ressignificando seu papel no contexto social. Assim investigar trajetórias de vida e o trabalho como dimensão constitutiva do sujeito é também investigar a forma como o sujeito se reconhece e se projeta em sua prática cotidiana, entrelaçando a vida profissional e a vida social.

Desse modo, para compreender de forma mais concreta essa relação entre trabalho e existência, foi realizada entrevista com uma servidora pública municipal, contexto no qual buscou-se resgatar aspectos da sua história de vida, como seu local de origem, convivência familiar, sua trajetória escolar e de formação, bem como se possui experiências profissionais anteriores a prefeitura. As perguntas iniciais tiveram o objetivo de situar a entrevistada no seu contexto social e educacional, permitindo visualizar como essas experiências contribuíram para a construção da sua identidade como trabalhadora. A partir, dessas informações, é possível compreender como a trajetória profissional não começa apenas no exercício da atual função, mas sim por todo o percurso vivido ao longo da vida, atravessando tanto aprendizado quanto por desafios.

Maria relata que nasceu e cresceu no município de Pinhal/RS, mais precisamente no interior, deste município, na Linha Três, em uma família de pequenos agricultores. Cresceu com seus pais e irmãos, em um ambiente marcado pelo trabalho rural e pela convivência familiar. Iniciou seus estudos na escola municipal de Pinhal, onde a mesma professora atendia todas as turmas de 1º a 4º série. Da 5º a 8º série estudou na escola estadual de Pinhal. O ensino médio foi concluído na Escola Estadual 30 de Maio de Rodeio Bonito, cidade vizinha de Pinhal, onde se deslocava todos os dias de ônibus para estudar, com todas as despesas de passagem arcada pelos pais. Em 1997, formou-se em Bacharel em Administração pela na Universidade Regional Integrada (URI/FW).

De acordo com a entrevistada *“Meu primeiro e único trabalho foi na prefeitura municipal de Pinhal, onde fui admitida por concurso público no ano de 1989, tornando-se funcionária pública e acumulando, até hoje 36 anos de experiência”* (Maria, 2025). A trajetória de Maria ilustra de forma concreta como o serviço público proporciona estabilidade, um dos principais fatores que atraem profissionais para esse setor.

Seu longo vínculo com a prefeitura evidência que o ingresso por concurso público não apenas garante segurança no emprego, mas também permite o desenvolvimento de competências e a consolidação de uma carreira pautada pelo compromisso e pela dedicação. Conforme aponta Albrecht (2010, apud Ribeiro e Mancebo, 2013, p.199) “o serviço público oferece proteção diante das incertezas do mercado, sendo visto como um espaço de crescimento profissional, reconhecimento e estabilidade econômica”. No caso de Maria, a estabilidade reflete em seus 36 anos como servidora pública, na responsabilidade ética com seu trabalho e na continuidade das práticas que garantem à qualidade dos serviços prestados à população.

4.2 O SERVIÇO PÚBLICO COMO ESPAÇO DE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-TRABALHADOR: A EXPERIÊNCIA DE SER-SUJEITO TRABALHADOR EM UMA PREFEITURA MUNICIPAL

A experiência do ser-sujeito trabalhador no serviço público municipal pode ser compreendida a partir do percurso construído pela servidora ao longo do tempo em que atua na prefeitura. O relato sobre o período de trabalho e as funções exercidas no dia a dia evidenciam não apenas a rotina de tarefas administrativas, mas também

o envolvimento com demandas que exigem responsabilidade, dedicação e compromisso. Ao narrar sua vivência, a servidora revela que o trabalho vai além de apenas função técnica, mas um espaço de pertencimento e reconhecimento.

A servidora, entrevistada, trabalha no setor de tesouraria, no qual é a responsável por gerir as finanças, controlar o fluxo de caixa, realizar pagamentos e efetuar retornos bancários (o município mantém convênio com a Cooperativa Sicredi, com o Banco Banrisul e com a Caixa Econômica Federal). Cabe a ela realizar, diariamente, os retornos bancários do Simples Nacional, regime tributário diferenciado e simplificado voltado às microempresas e empresas de pequeno porte, que unifica a arrecadação de diversos tributos em uma única guia, bem como a conferência de créditos de transferência e os repasses de convênios ao município. Entre suas atribuições, estão também a destinação de recursos para as áreas de saúde e assistência social, pagamento para fornecedores diversos, folha de pagamento dos servidores, pagamento de encargos sem folha de pagamento. Além disso, a servidora é responsável por todos os pagamentos da câmara de vereadores e por todos os lançamentos de receitas e pagamentos do Regime Próprio dos Servidores Municipais (RPPS).

A entrevistada começou a trabalhar muito jovem e, por ser seu primeiro emprego a experiência foi muito desafiadora, especialmente porque há 36 anos atrás era tudo muito diferente do que é hoje. Assim afirma *“Foi um começo muito desafiador porque era tudo novo para mim. Eu era muito jovem e não tinha experiência anterior. Além disso há 36 anos atrás as coisas eram bem diferentes. Precisava ter muita atenção e paciência, porque qualquer erro significava refazer todo o trabalho”* (Maria, 2025). Não existia a tecnologia atual, e todas as atividades eram realizadas de forma manual como os lançamentos de receitas, notas de empenho e controle de fornecedores. Seu início foi no Setor de Empenhos, setor responsável por registrar e formalizar o comprometimento dos recursos orçamentários da administração pública, garantindo que as despesas fossem devidamente autorizadas antes de sua execução. Naquele período, todo o processo era realizado por meio de máquina de datilografia. Com o passar do tempo e a informatização aos poucos foram sendo adquiridos computadores e mais tarde acesso a internet, onde em partes facilitou o trabalho, mas também ampliou os controles e as tarefas a serem executadas.

No decorrer de seu relato, Maria destaca que o ambiente de trabalho no serviço público está em constante mudança quando afirma que *“Hoje em dia o trabalho no serviço público muda o tempo todo. Sempre tem novas demandas, atualizações de sistemas... A gente precisa estar sempre se adaptando, porque o que valia ontem, talvez hoje já não vale mais”* (Maria, 2025). A transição de sistemas trouxe um grande impacto para as suas atividades, sobretudo porque alterou significativamente a forma de execução dos processos contábeis. Ela evidencia que, praticamente, todos os dias surgem novas demandas que exigem dela criatividade, agilidade e disposição para aprender.

Ressalta ainda que essas mudanças, embora desafiadoras, também proporcionam crescimento profissional, pois a cada nova tarefa é necessário buscar soluções, atualizar seus conhecimentos e encontrar meios de manter a organização e eficiência do setor. Diante desse cenário de intensas mudanças e desafios, Maria demonstra que a sua atuação vai além da adaptação técnica, revelando um forte senso de responsabilidade e compromisso com o serviço público, como expressa em sua fala:

Ser servidora pública, pra mim, significa comprometimento. Sinto orgulho de ser servidora municipal e busco sempre atender da melhor forma possível tanto o município quanto os fornecedores. Procuro pautar meu trabalho pela coerência, respeitando os prazos, cumprindo os contratos e observando sempre o que é correto e legal. Acredito que o comprometimento vai além do apenas executar tarefas: exige responsabilidade, dedicação e a consciência de que meu trabalho impacta diretamente na qualidade dos serviços oferecidos à população (Maria, 2025).

O relato de Maria evidencia uma visão de serviço público orientada por valores éticos e profissionais. O comprometimento, mencionado como essência de sua função, reflete o dever de servir ao interesse coletivo, com responsabilidade e integridade. Ao destacar aspectos como, cumprimento de prazos, respeito a legalidade e dedicação ao bem comum, Maria demonstra compreender que o papel do servidor público vai além de tarefas administrativas – trata-se de uma missão social na qual o desempenho individual contribui diretamente para a eficiência e qualidade dos serviços prestados a população. Essa postura exemplifica os princípios da administração pública, especialmente a moralidade, legalidade e eficiência fundamentais para garantir uma gestão pública ética e transparente.

A trajetória profissional de Maria, reflete o sentido humano e social do trabalho no serviço público. Sua experiência revela que ser servidora vai muito além do que apenas executar tarefas, mas sim um processo contínuo de aprendizado, adaptação e compromisso com o coletivo. Essa compreensão se aproxima com que afirma Cattani (1996), ao destacar que o trabalho é uma vivência social fundamental, capaz de formar identidades, promover pertencimento e dar significado a existência humana. Nessa perspectiva, o relato de Maria traduz o serviço público como um espaço de realização e expressão pessoal, onde agir profissional de Maria se conecta à construção de valores éticos e sociais, mostrando que seu trabalho vai além de tarefas técnicas.

A evolução de suas práticas, desde o tempo dos registros manuais e a atual realidade digitalizada demonstra a capacidade de resiliência e o empenho em acompanhar as transformações administrativas e tecnológicas, sem perder de vista os valores éticos que orientam sua atuação. Assim, sua história representa dedicação ao trabalho, identificação com o propósito associado ao serviço público como parte de seu comprometimento com as tarefas e o sentido do serviço público como espaço de compromisso humano, ético e de contribuição social, reafirmando a importância do servidor como agente transformador, de uma gestão mais justa, eficiente e voltada para o bem comum.

4.3 MUDANÇAS AO LONGO DA CARREIRA E PERCEPÇÕES SOBRE O TRABALHO

Ao longo da trajetória profissional, é comum que ocorram mudanças significativas na forma como o servidor percebe o trabalho e se relaciona com ele. Essas transformações podem estar ligadas a diferentes fatores, tais como as experiências que foram acumuladas, a evolução das funções exercidas, capacitações, bem como as próprias mudanças no contexto organizacional e social. Nesse sentido, analisar a carreira sob esta perspectiva permite compreender não apenas a adaptação do profissional às demandas do serviço público, mas também como suas percepções e expectativas em relação ao trabalho foram se modificando com o passar do tempo.

Em relação a este aspecto, a servidora entrevistada mencionou as principais mudanças que percebeu no seu ambiente de trabalho ao longo da carreira.

Me recordo que, no início, os empenhos eram todos digitados manualmente, na máquina de datilografia e os registros eram lançados nas fichas razão de receita, despesa, fornecedores e pagamentos, também por meio da datilografia. Com o passar dos anos e o avanço da tecnologia, esse processo se transformou significativamente. Os registros passaram a ser efetuados em computadores e, com a chegada da internet o método de trabalho foi se modificando gradativamente. Atualmente, os pagamentos bancários são realizados de forma digital, com pouco uso de talões de cheque, sendo as transferências bancárias na sua maioria através de PIX, transferência bancária e TED (Maria, 2025).

A reflexão de Lopes (2009) sobre a necessidade do trabalho se reinventar diante das transformações tecnológicas relaciona-se diretamente com o relato da servidora. Assim como o autor afirma que o avanço tecnológico exige constante adaptação, a servidora reconhece que a tecnologia transformou de forma definitiva o modo de executar as atividades no serviço público. Ela destaca que embora esses avanços tenham trazido facilidades e eficiência, também impuseram novas demandas como o domínio de sistemas digitais e o acesso a diferentes plataformas para a realização das tarefas. Dessa forma o depoimento de Maria exemplifica, na prática, o que Lopes (2009) teorizou: a necessidade de constantes atualizações e aprendizados para acompanhar as mudanças tecnológicas do mundo contemporâneo.

A partir das considerações da entrevistada é possível compreender que o trabalho no serviço público mudou bastante. As funções ficaram mais detalhadas e exigem mais atenção, já que as tarefas e os recursos precisam ser controlados de forma bem específica. Isso faz com que o dia a dia dos servidores sejam mais complexos e cheio de responsabilidades. É o que Maria destaca em seu depoimento:

As exigências do cargo realmente mudaram, as demandas estão cada vez mais específicas. Hoje, há muitas tarefas a serem executadas, com rotinas diárias mais complexas e contas bancárias direcionadas para cada tipo de gasto. Os recursos vinculados são destinados de forma específica para determinada despesa previamente determinada no orçamento do município. No caso da saúde, por exemplo, o recurso já vem estabelecido quanto a sua aplicação, podendo ser utilizado em custeio, aquisição de equipamento, material permanente ou na folha de pagamento de servidores. Eu percebo

que essas exigências tendem a aumentar continuamente, tornando o trabalho cada vez mais detalhado e rigoroso (Maria, 2025)

Em relação aos aprendizados, a servidora destaca que a tecnologia tem possibilitado ampliar seus conhecimentos continuamente. Além de operacionalizar os computadores, ela passou a compreender de forma mais clara os orçamentos com suas respectivas receitas e despesas, envolvendo as diversas secretarias do município. Essa ampliação de conhecimentos reflete diretamente na sua motivação e na forma que ela enxerga o próprio trabalho, que vai muito além das tarefas técnicas e administrativas. Nesse sentido, ao reconhecer a importância do aprendizado contínuo e da ampliação de seus conhecimentos, Maria demonstra que sua motivação também está ligada aos resultados concretos do trabalho público, o que fica evidente em seu depoimento.

Um dos momentos de maior alegria no meu trabalho é quando o município consegue atender as necessidades da população, por meio de conquistas concretas. Fico muito feliz, por exemplo, quando conseguimos adquirir veículos para o transporte de pacientes da saúde, a compra de máquinas rodoviárias que auxiliam os agricultores nos mais variados serviços, na manutenção de estradas do interior do município ou na obtenção de recursos que irão beneficiar o município. A minha maior satisfação está em ver o município respondendo às demandas da comunidade e contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos (Maria, 2025).

Assim como afirma Cortella (2017), o relato de Maria mostra que o trabalho ultrapassa o simples ganho financeiro, torna-se uma fonte de realização pessoal e crescimento. O sentido do trabalho está justamente em ser o impacto positivo de suas ações na comunidade, o que reforça a ideia de que o trabalho é uma fonte de dar significado à vida, impulsionando ser humano a evoluir e contribuir com o bem coletivo.

Quanto as dificuldades e frustrações, a servidora relata que, em seu dia a dia enfrenta desafios, principalmente relacionados à busca de informações confiáveis e seguras. *“Nem sempre é fácil encontrar informações corretas. Muitas vezes preciso conferir várias fontes até encontrar dados que sejam realmente corretos e precisos, o que acaba consumindo tempo e tornando o trabalho mais lento”* (Maria, 2025). Essa dificuldade reflete a complexibilidade dos processos administrativos e a constante necessidade de precisão nas informações utilizadas pelo setor público. A servidora reconhece que a responsabilidade de lidar com dados oficiais exige atenção redobrada e a verificação das fontes de acesso. Apesar dos desafios,

destaca que é essencial a busca por informações para garantir transparência e a correta aplicação dos recursos públicos. Nessa perspectiva o trabalho que realiza e o autorreconhecimento de que compõe o compromisso de atender bem a sociedade é parte de sua constituição enquanto servidora pública e que se confunde, em algum sentido, como cidadã.

Além disso, destaca que o trabalho burocrático, embora essencial para o funcionamento do setor, não costuma ser valorizado. Por não ser algo visível ou diretamente associado a resultados imediatos, esse tipo de atividade é, frequentemente, percebido como secundário ou até desnecessário. Essa falta de reconhecimento gera certo desânimo, pois o esforço investido em tarefas de bastidores nem sempre é reconhecido pela equipe ou pela sociedade, apesar de sua importância para garantir organização, transparência e eficiência no serviço público. Assim Maria sinaliza que *“Embora seja essencial para o funcionamento do setor, o trabalho burocrático raramente recebe elogios. Por não ser algo visível ou gerar resultados imediatos, as vezes é visto como menos importante, o que as vezes me desanima”* (Maria, 2025).

Seguindo a mesma lógica é possível encontrar na literatura de relações de trabalho elementos neste sentido onde “Mesmo em contextos de autonomia e estabilidade, a ausência de valorização do trabalho pode gerar mal-estar laboral e comprometer o engajamento dos servidores” (Silva, Barboza & Roda, 2024, p. 58). Essa percepção dialoga com o depoimento de Maria, que, sem a valorização adequada, o esforço dos servidores tende a se tornar desmotivador, tornando o trabalho, por mais essencial que seja, fonte de frustração e desgaste emocional.

Maria ainda relata que possui uma boa convivência com os colegas de trabalho, respeitando sempre as opiniões dos outros. Destaca que também mantém uma relação positiva com seus superiores e que está sempre disposta a ajudar quando alguém precisa de apoio em alguma demanda. Pelo fato de já trabalhar há muitos anos na prefeitura, é comum que surjam dúvidas entre os colegas, e, sempre que possível, ela contribui com sua experiência para auxiliá-los.

Assim destaca que, sempre há mudanças na forma de se relacionar no serviço público, uma vez que cada superior ou colega de profissão pode adotar métodos de trabalho diferente, mas ressalta que o básico se mantém, sempre respeitando a hierarquia.

A servidora evidencia seu comprometimento com as atividades do setor *“Sempre procuro desempenhar meu trabalho da melhor forma possível, sempre atenta para evitar erros e buscando antecipar situações por meio da organização e do cumprimento das rotinas necessárias”* (Maria, 2025). Essa postura destaca sua dedicação em manter a eficiência e a qualidade dos serviços prestados, refletindo uma atuação responsável e ética no serviço público.

Destaca ainda que, muitas vezes, a importância do trabalho é percebida de forma relativa, por quem está de fora, já que a população, em geral, não compreende totalmente os prazos e procedimentos exigidos. Para entrevistada, isso faz parte do funcionamento do sistema, mas acaba gerando julgamentos precipitados, pois muitas pessoas não conhecem como as ordens são determinadas nem as etapas que precisam ser seguidas. Apesar disso, a servidora entende que seu papel é fundamental para garantir a regularidade e a continuidade do serviço público, mesmo que nem sempre seja reconhecido.

Por fim, ao ser questionada sobre seus desejos e expectativa para o futuro, Maria demorou um pouco para responder, pois considera difícil pensar no futuro, na correria do dia a dia. No entanto revelou que pretende se aposentar no próximo ano (2026). Ela espera que o serviço público municipal seja mais valorizado, afirmando: *“Muitas vezes somos julgados de forma equivocada como se fossemos incompetentes ou que não fizéssemos nada o dia todo.”* Ressalta que, na prática, a realidade é bem diferente: *“Muitas vezes precisa chegar mais cedo, ou ficar além do horário para conseguir dar conta das rotinas, especialmente em dias que as demandas dobram”*.

Ainda assim reconhece que essas situações fazem parte dos “ossos do ofício”, afirmando: *“A gente se esforça muito, mas nem sempre é visto, ainda assim, faz parte do meu trabalho e temos que seguir em frente”*. Essas reflexões evidenciam a dedicação e o comprometimento de Maria, mostrando que, apesar das dificuldades e da falta de visibilidade, o esforço diário é essencial para o funcionamento e da qualidade dos serviços prestados à população.

4.4 RELAÇÕES DE TRABALHO E SUBJETIVIDADE: UMA ANÁLISE INTEGRADA DA EXPERIÊNCIA DE SER-SUJEITO-TRABALHADOR

A partir da análise das narrativas apresentadas pela entrevistada, é possível estabelecer aproximações com as teorias discutidas no referencial teórico, especialmente no que se refere a constituição do sujeito a partir de suas relações de trabalho. O espaço público nesse contexto revela-se como um ambiente que vai além da simples execução de tarefas: trata-se de um lugar de construção de sentidos, identidade e reconhecimento social.

Como aponta o autor Dejours (2004), o trabalho é entendido como algo que ultrapassa a simples execução da tarefa. Ele o vê como um espaço de relações sociais, marcado por desigualdades e tensões, onde o sujeito precisa desenvolver sua subjetividade para lidar tanto com desafios materiais, quanto com os conflitos interpessoais. Essa visão ajuda a compreender que, no caso da entrevistada, o trabalho público não é apenas uma função técnica, mas um espaço de construção pessoal e social. Com base nessa compreensão, percebe-se que as experiências relatadas pela servidora revelam que o exercício da função pública está fortemente associado a um sentimento de pertencimento, compromisso e responsabilidade com o coletivo. A satisfação demonstrada ao ver o município alcançar melhorias concretas traduz não apenas a realização profissional, mas também o reconhecimento simbólico de seu papel como trabalhadora inserida numa rede de relações sociais que contribuem para a formação da sua subjetividade e identidade profissional.

Do mesmo modo a abordagem de Marx (*apud* Semerano, 2013), reforça a ideia que o trabalho vai além de uma atividade funcional, constituindo-se como um espaço de transformação do mundo e de si mesmo. No contexto da servidora, isso significa que sua atuação na esfera pública, não apenas contribui para o desenvolvimento do município, mas também permite que ela desenvolva habilidades, construa relações sociais e consolide sua identidade como agente transformador. Nesse sentido, o trabalho público permite ao indivíduo atuar no mundo, contribuir para a coletividade, realizando-se pessoalmente.

Complementando essa perspectiva, Hegel (1807) destaca que é por meio do trabalho que o homem se constitui como ser social e ético. As experiências relatadas pela entrevistada evidenciam que a inserção no trabalho público permite

desenvolver a sua capacidade de agir com responsabilidade e compromisso com o bem comum. Dessa forma o exercício de suas funções, vai além das tarefas técnicas, funcionando como um processo de aprendizado ético e social, onde as relações interpessoais e o engajamento com a comunidade tornam-se centrais para a consolidação de sua identidade profissional e cidadã.

Nesse mesmo sentido, Cattani (1996) afirma que o trabalho ocupa um papel central na construção da identidade social e profissional do indivíduo, uma vez que o ser humano na forma como se organiza a sociedade contemporânea é definido pelo que faz associado ao trabalho. Essa perspectiva se manifesta nas falas de Maria que associa sua trajetória profissional ao reconhecimento e à valorização pessoal conquistada ao longo dos anos no serviço público.

Seu relato revela que o trabalho representa mais do que uma obrigação cotidiana: é uma fonte de realização e de afirmação de sua identidade. Ao destacar o comprometimento, a responsabilidade e a ética como princípios norteadores de sua atuação, Maria demonstra que o sentido de ser servidora pública está profundamente ligado à consciência de seu papel social e a importância de contribuir para o bem coletivo. Dessa forma, o trabalho torna-se um meio de expressar valores, construir sua identidade e fortalecê-la como profissional comprometida com a comunidade e com a qualidade dos serviços prestados à população.

Nesse sentido os relatos de Maria ilustram de forma concreta como o trabalho se torna um espaço de construção da subjetividade. Ao narrar sua trajetória no serviço público, revela que suas experiências profissionais estão profundamente ligadas a forma como compreende a si mesma e o seu papel perante a sociedade. A dedicação, o senso de responsabilidade e o compromisso com o bem comum expressam não apenas valores institucionais, mas também a maneira como Maria construiu sua subjetividade e como constituiu o sujeito, a partir do cotidiano laboral. Cada desafio enfrentado, cada reconhecimento recebido e cada relação estabelecida no ambiente de trabalho contribuíram para consolidar sua percepção pessoal e profissional, demonstrando que a subjetividade se forma e se reafirma nas práticas e interações do dia a dia.

Os relatos de Maria dialogam com a perspectiva apresentada por Duarte (2016), pois evidenciam como o trabalho, para além de uma atividade remunerada, constitui um espaço de formação pessoal e de construção de sentido. Em suas falas, Maria demonstra que sua trajetória no serviço público ultrapassa o simples

cumprimento de tarefas, representando um processo contínuo de aprendizagem. Assim, como aponta Duarte (2016), o labor de Maria envolve dimensões afetivas e simbólicas, nas quais o empenho, dedicação e o compromisso com o bem comum revelam não apenas sua competência profissional, mas também a maneira como ela se percebe e é percebida pelos outros. O trabalho, nesse contexto, trona-se elemento central na configuração de seu modo de ser e de estar no mundo, reforçando sua identidade como servidora comprometida e orgulhosa da sua trajetória.

As considerações de Alves, Monteiro e Silva (2014) articulam-se com o relato de Maria ao evidenciarem que as transformações socioeconômicas e tecnológicas impactam diretamente o serviço público. A experiência da servidora ilustra como essas mudanças se inserem no cotidiano do trabalho, exigindo novas competências para se manter sempre atualizada. Maria reconhece que as novas tecnologias modificaram o ambiente de trabalho, demandando mais agilidade, domínio de sistemas e a capacidade de adaptação às inovações. Assim, seu depoimento reflete a realidade apontada pelos autores: as relações de trabalho, mesmo no setor público, estão em constante reconfiguração e o sujeito trabalhador precisa reinventar-se para manter-se ativo e eficiente em um contexto cada vez mais dinâmico e tecnológico.

O depoimento de Maria converge com as considerações de Ribeiro e Mancebo (2013), ao revelar como a desvalorização do serviço público se manifesta no cotidiano dos servidores. Sua fala evidencia o peso dos estereótipos que associam o trabalho público à ineficiência, reforçando a visão distorcida sustentada pela lógica neoliberal, que tende a enaltecer o serviço privado e desqualificar o Estado.

Com o relato de Maria, isso se torna ainda mais evidente, a sociedade, em geral, tem essa percepção, mas a grande maioria de quem trabalha, no serviço público - mais precisamente na prefeitura municipal objeto deste estudo - trabalha e busca garantir o bom funcionamento das atividades e a qualidade dos serviços prestados à população. Maria exemplifica esse comprometimento ao relatar sua rotina marcada pelo esforço, responsabilidade e dedicação, mesmo diante da falta de reconhecimento social. Assim, seu testemunho revela que o valor do serviço público está nas pessoas que o constroem diariamente, com compromisso e senso de dever coletivo.

No caso de Maria, o ingresso no serviço público por meio de concurso representou a busca por estabilidade e segurança profissional. Ao longo de seus 36 anos de trabalho como servidora municipal, essa estabilidade permitiu não apenas a construção de uma trajetória sólida, mas também o desenvolvimento de um vínculo profundo com o serviço público e com a comunidade que a atende. Como afirma Ribeiro e Mancebo (2013), “a estabilidade no serviço público representa não apenas segurança profissional, mas também a possibilidade de construir uma trajetória comprometida com o interesse coletivo”, o que se confirma na experiência de Maria, marcada pelo comprometimento ético.

Em síntese, a trajetória de Maria evidencia que o trabalho, especialmente no contexto do serviço público, ultrapassa a função instrumental e assume um caráter formativo, ético e social. Sua vivência demonstra que o exercício da atividade laboral é atravessado por valores, significados e experiência que constroem não apenas a profissional, mas também o sujeito cidadão. Ao longo da sua carreira, Maria consolidou uma identidade marcada comprometimento, responsabilidade e pelo engajamento com o bem coletivo, reafirmando o papel do trabalho na construção da subjetividade humana.

Sua narrativa revela que mesmo diante de desafios como a desvalorização social, há exigência de atualização constante, sendo o trabalho um espaço de realização pessoal, reconhecimento simbólico e contribuição efetiva para a comunidade. Assim, a história de Maria dialoga com os referenciais teóricos apresentados, demonstrando, como o trabalho se configura como dimensão central da vida humana.

Dessa forma, a experiência da entrevistada se associa às concepções teóricas sobre a constituição do sujeito na interface com o trabalho, representando no caso da história de vida da servidora entrevistada e foco na análise do trabalho como atuar no serviço público implica em compromisso ético do bem-fazer e é um processo contínuo de aprendizagem, responsabilidade e vínculo com a comunidade. O relato, pessoal analisado, reforça uma posição que sustenta a importância do servidor público como alguém que contribui diretamente para o bem-estar da população e para o fortalecimento das instituições, revelando o trabalho público como um espaço de realização pessoal e profissional.

Quadro 1 Articulação entre o Referencial Teórico e o relato da Entrevistada

Autor(es)	Contribuição Teórica	Relação com o Relato de Maria
Dejours (2019)	O trabalho ultrapassa a execução da tarefa, constituindo-se como espaço de relações sociais, reconhecimento e construção da subjetividade.	Maria compreende o trabalho público como um espaço de pertencimento, compromisso e responsabilidade coletiva, relatando satisfação ao perceber os resultados concretos de sua atuação no município
Marx (apud Semeraro, 2013)	O trabalho é um processo de transformação do mundo e de si mesmo, possibilitando a constituição do sujeito enquanto ser social.	A trajetória de Maria evidencia que sua atuação no serviço público contribui para o desenvolvimento do município e, simultaneamente, para sua formação pessoal, social e profissional.
Hegel (1807)	Por meio do trabalho, o indivíduo se constitui como ser social e ético, desenvolvendo responsabilidade e compromisso com o bem comum.	As experiências narradas por Maria demonstram que o exercício da função pública promove aprendizado ético, senso de responsabilidade e engajamento com a comunidade.
Cattani (1996)	O trabalho ocupa papel central na construção da identidade social e profissional do indivíduo na sociedade contemporânea.	Maria associa sua trajetória profissional ao reconhecimento, à valorização pessoal e à afirmação de sua identidade como servidora pública.
Duarte (2016)	O trabalho é espaço de formação pessoal e de construção de sentidos, envolvendo dimensões afetivas e simbólicas.	O relato de Maria revela que sua trajetória no serviço público representa um processo contínuo de aprendizagem, permeado por dedicação, empenho e compromisso com o coletivo.
Alves, Monteiro e Silva (2014)	As transformações socioeconômicas e tecnológicas reconfiguram o trabalho, exigindo novas competências e adaptação contínua.	Maria reconhece as mudanças tecnológicas no serviço público e destaca a necessidade constante de atualização e adaptação às novas exigências

		do trabalho.
Ribeiro e Mancebo (2013)	A desvalorização do serviço público decorre da lógica neoliberal, que desqualifica o Estado e seus trabalhadores.	Maria relata a falta de reconhecimento social do servidor público, mas evidencia o esforço, a dedicação e o compromisso cotidiano dos trabalhadores municipais
Ribeiro e Mancebo (2013)	A estabilidade no serviço público permite a construção de trajetórias comprometidas com o interesse coletivo.	Ao longo de 36 anos de carreira, Maria construiu um vínculo sólido com o serviço público, marcado pela ética, responsabilidade e compromisso com a população.

Fonte: Elaboração própria, a partir de Dejours (2019), Marx (apud Semeraro, 2013), Hegel (1807), entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como as relações de trabalho constituem um sujeito-trabalhador a partir da análise de uma trajetória de vida, no qual foi desenvolvida uma pesquisa com uma servidora pública municipal, a fim de responder o seguinte problema de pesquisa: *Como as relações de trabalho constituem um sujeito-trabalhador a partir de análise de uma trajetória de vida?*

A partir da análise proposta foi possível compreender que o trabalho ocupa um papel central na construção da identidade e na formação subjetiva do indivíduo na sociedade contemporânea. Mais do que uma atividade econômica, a partir do relato da entrevistada, nota-se que a manifestação do trabalho como um espaço de socialização, aprendizado e reconhecimento social. Ao longo do estudo da trajetória de vida analisada foi possível compreender que as experiências profissionais não apenas moldaram competências e responsabilidades, mas também compõe o desenvolvimento pessoal, o sentimento de pertencimento e a construção de um propósito ligado ao serviço público.

Ao elaborar as análises, foi possível observar que a servidora constitui sua identidade profissional de forma a associar sua trajetória ao compromisso com o serviço público e ligado ao senso de responsabilidade social. O discurso apresentado nas entrevistas evidencia um forte vínculo com o ambiente de trabalho, marcado pela dedicação, busca de constante aperfeiçoamento e pelo respeito as demandas coletivas.

Além disso, percebe-se que, ao longo dos anos a trabalhadora desenvolveu habilidades técnicas e competências relacionais, como a empatia, ética e a habilidade de trabalhar em equipe, traços significativos para o exercício da função pública em sua compreensão. Tais elementos demonstram que sua atuação ultrapassa a dimensão operacional do cargo, revelando um processo de construção subjetiva no qual o trabalho é percebido como parte essencial de sua vida, identidade e realização pessoal.

Pode-se concluir que o estudo permitiu compreender a partir da história de vida selecionada como as relações de trabalho contribuem para a constituição de um sujeito-trabalhador no contexto do tempo realizado. O trabalho, como dimensão constitutiva, neste caso, demonstrar exercer um papel central na formação da identidade profissional e pessoal da servidora, influenciando seus valores, suas

práticas e sentimento de pertencimento ao serviço público. Ao conhecer a trajetória de vida e trabalho da servidora tornou-se possível conhecer como o senso de compromisso com o trabalho produz um modo de existência particular que reforça, em diferentes momentos, a preocupação com uma dedicação ao trabalho que seja parte das ações, postura e reconhecimento da trabalhadora estudada.

Como estudo de natureza qualitativa, entende-se que não há como generalizar ou esperar uma ética ou compreensão similares e outros indivíduos, até mesmo no mesmo ambiente de trabalho, sendo importante ressaltar que a trajetória de vida se entrelaça com elementos culturais, familiares e do ambiente de trabalho e produzem a subjetividade neste entrecruzar de fronteiras. Maria, aqui apresentada reflete um dos possíveis olhares sobre como uma trabalhadora construiu uma trajetória de vida composta por um compromisso evidenciado em realizar com dedicação as tarefas sobre sua responsabilidade como compromisso ético-moral.

Por meio da entrevista de referência das análises apresentadas foi possível compreender que o trabalho é um eixo que orienta a vida da servidora sobre qual foi constituído este trabalho. Para ela o trabalho representa o aspecto mais significativo de sua trajetória, dedicando-se integralmente a suas funções e demonstrando elevado comprometimento com a qualidade das atividades desempenhadas. Sua narrativa revela que o trabalho não assume apenas um caráter profissional, mas se constitui como um elemento estruturante de sua identidade e de sua forma de estar no mundo.

Nesse sentido, observa-se que o impacto do trabalho em sua vida ultrapassa a dimensão funcional, ele organiza sua rotina, orienta suas escolhas e atua como referência central na construção de seu sentido de responsabilidade e pertencimento. Os significados produzidos pela entrevistada evidenciam que o trabalho é compreendido como espaço de validação pessoal e de reconhecimento, onde ela afirma sua competência e compromisso com o serviço público municipal.

A partir desse conjunto de elementos, é possível identificar que o “modo de existência” dessa trabalhadora se configura pela dedicação, pela busca de excelência e pela forte identificação com a função que desempenha. Seu relato expressa a constituição de um sujeito-trabalhador cuja identidade está profundamente vinculada às práticas laborais de modo que o trabalho não apenas compõe sua trajetória, mas a sustenta, oferecendo direção, estabilidade e um projeto de vida. Assim, o estudo evidencia que, na experiência analisada, as relações de

trabalho não apenas moldam competências e responsabilidades, mas orientam a formação de sentidos e significados que atravessam sua subjetividade, configurando um modo de existir profundamente ancorado no compromisso com o trabalho e o serviço público.

Pode-se concluir, ainda que, o estudo atingiu seu objetivo de desenvolver uma análise a partir do estudo de uma trajetória de vida de uma servidora pública, evidenciando como as relações de trabalho atuam na constituição de um sujeito trabalhador. A investigação permitiu compreender que sua identidade profissional foi sendo construída ao longo dos anos por meio das experiências vivenciadas, das responsabilidades assumidas e dos sentidos atribuídos ao trabalho cotidiano. Nesse processo observou-se que o trabalho é uma forma de perceber-se a si mesma, de relacionar-se com os outros e de atribuir significado ao papel que desempenha no serviço público.

Como um trabalho de natureza qualitativa e considerando o viés analítico, fundamentado na análise de histórias de vida, não há pretensão de generalização ou referência comparativa. A limitação do estudo compreende o aprofundamento na análise da vivência analisada, o que pode ser ampliado a partir de outras análises que permitam compreender, em outros contextos, profissões, ambientes de trabalho e trajetórias diversos outros modos de constituição de si e modos de existência frente a relação entre as dimensões subjetiva e concretas vivenciadas no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. O que é o trabalho. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ALVES, J. S. S.; SÁ, M. A. A. S.; MONTEIRO, M. A. A.; SILVA, A. L. Relações de trabalho no setor público. **Revista de Ciências Humanas** – Unitau, v. 7, n. 2, p. 138-154, 2014.
- ALVES, J. S. S.; SÁ, M. A. A. S.; MONTEIRO, M. A. A.; SILVA, A. L. Relações de trabalho no setor público. **Revista de Ciências Humanas** – Unitau, v. 7, n. 2, p. 138-154, 2014.
- Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/162>.
- Ana Paula LISBOA. Correio Braziliense. **Felicidade e Carreira**. 2017. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2017/09/03/interna-trabalhoeformacao-2019,623054/em-entrevista-mario-sergio-cortella-fala-sobre-felicidade-e-carreira.shtml>
- AQUINO, M. G. D. **Noções de sujeito e poder em leituras foucaultianas e sua influência nos estudos de organizações e gestão de pessoas**. Cadernos EBAPE.BR, v. 17, n. 3, p. 448–459, jul. 2019.
- CATTANI, Antonio David. **Trabalho e autonomia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.
- CLOSS, L. Q.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.. História de Vida e Trajetórias Profissionais: Estudo com Executivos Brasileiros. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n. 4, p. 525–543, jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/mgHtds9LKzK9xw6bvJ7k7Tv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2025
- CROCHÍK, J. L. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 35, n. 2, p. 387–404, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/13126>. Acesso em: 01 jun. 2025.
- DEJOURS, C. Ensaio sobre psicodinâmica do trabalho. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 493–512, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/JdZkgTRMT3sdTcLwL9M8Bsh>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- DTCOM. **Pesquisa Qualitativa e Quantitativa**. Disponível em: https://dtcom.com.br/wayco/temas/section_2/pesquisa_qualitativa_e_quantitativa/sections/pdf/THEME4285.pdf.
- DUARTE, D. A. **Narrar para conhecer os modos de ser-trabalhar-existir: o (difícil) cenário do trabalho contemporâneo**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 187–199, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpst/article/view/140584>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- FELICIANO, Patricia de Lourdes Queiroz; PEIXOTO, Tereza Cristina. A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA PÓS-MODERNIDADE: UMA REVISÃO

DE LITERATURA. Pretextos - **Revista da Graduação em Psicologia** da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 61–77, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/18692>. Acesso em: 13 jun. 2025.

FERRAZ, Deise L. S.; FERNANDES, Paula C. M. **Desvendando os sentidos do trabalho: limites, potencialidades e agenda de pesquisa**. Cad. psicol. soc. trab., São Paulo, v. 22, n. 2, p. p. 165-184, 2019.

Ferrazza, D. S.; Antonello, C. S. O método de história de vida : contribuições para a compreensão de processos de aprendizagem nas organizações. **Revista Gestão.Org**, v. 15, n. 1, p. 22-36, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/gestaoorg/article/view/22246>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FONSECA, João Paulo Ayub. **Considerações sobre a constituição do sujeito do cuidado de si no pensamento de Michel Foucault**. Veritas (Porto Alegre), [S. l.], v. 57, n. 1, 2012. DOI: 10.15448/1984-6746.2012.1.11231. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/11231>. Acesso em: 02 jun. 2025

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. *The Future of Jobs Report 2023*. Genebra: World **Economic Forum**, 2023. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/the-future-of-jobs-report-2023>. Acesso em: 20 maio 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**- 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. Cad. psicol. soc. trab., São Paulo, v. 6, p. 79-90, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2025.

GOMES, D. C.; SILVA, L. B. E .; SÓRIA, S.. Condições e relações de trabalho no serviço público: o caso do governo Lula. **Revista de Sociologia e Política**, v. 20, n. 42, p. 167–181, jun. 2012.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOPES, M. C. R. **Subjetividade e trabalho na sociedade contemporânea**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 7, n. 1, p. 91–113, mar. 2009.

MAHEIRIE, Kátia. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/78>. Acesso em: 14 jun. 2025.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3 ed. rev. e atual. São Paulo: Atlas, 2012.

Michel Foucault (1984). **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MORIN, Estelle. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8–19, jul./set. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/w9w7NvLzpqcXcjFkCZ3XVMj>. Acesso em: 20 maio 2025.

PEREIRA, Adriana Soares et. al. **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria, RS: UFSM, 2018.
Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1

RIBEIRO, C. R. “**Modos de existência**” como dispositivo teórico-conceitual: **contribuições de Michel Foucault e Étienne Souriau à pesquisa educacional**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 22, n. 4, p. 912–930, 2020.
Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8655333>. Acesso em: 4 jun. 2025.

RIBEIRO, C. V. DOS S.; MANCEBO, D.. **O servidor público no mundo do trabalho do século XXI**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 33, n. 1, p. 192–207, 2013.

SEMERANO, Giovani. **A CONCEPÇÃO DE “TRABALHO” NA FILOSOFIA DE HEGEL E DE MARX**. Educação e Filosofia. Uberlândia, v. 27, n.53, p. 87-104, jan./jun. 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.
Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ccaaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso em: 07 mai. 2025.

SILVA, A. P.; BARROS, C. R.; NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A. 'Conte-me a sua história': reflexões sobre o método de história de vida. **Revista Mosaico: estudos em psicologia**, vol. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

TRAESEL, E. S.; MERLO, A. R. C. "Somos sobreviventes": vivências de servidores públicos de uma instituição de seguridade social diante dos novos modos de gestão e a precarização do trabalho na reforma gerencial do serviço público. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 224–238, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpst/article/view/112344>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Valle, P. R. D., & Ferreira, J. de L. Análise De Conteúdo de Conteúdo na Perspectiva de Bardin: Contribuições e Limitações para a Pesquisa Qualitativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 41, e 49377, 2024.

ZUCCHETTI, Dinora T. O trabalho como conceito, valor e formação. **Revista Práxis**, vol. 1, p. 9-14, 2005.

APÊNDICE

Roteiro de pergunta realizada à servidora pública.

1. Onde você nasceu/cresceu junto da sua família?
2. Onde você estudou?
3. Qual sua formação escolar?
4. Fez ensino superior?
5. Trabalhou em outros lugares, antes da prefeitura? Que outras experiências profissionais tiveram?
6. Quanto tempo trabalha na prefeitura?
7. Quais são as principais funções e atividades que você desempenha no seu dia a dia?
8. Como foi, para você, construir sua trajetória profissional dentro do serviço público municipal?
9. Como percebeu mudanças ao longo do tempo (mudança de tecnologia, de sistemas, de governo) neste ambiente de trabalho.
10. Se você pudesse definir em uma palavra ou expressão o que significa ser servidora em uma prefeitura, qual seria?
11. Ao longo do tempo, quais foram as principais mudanças que você percebeu no seu ambiente de trabalho?
12. Como as transformações tecnológicas impactam sua rotina e a forma de realizar suas atividades?
13. Você acredita que as exigências do cargo mudaram desde que iniciou sua carreira? De que forma?
14. Quais aprendizados considera mais significativos ao longo da sua trajetória no serviço público?
15. Pode compartilhar algum momento de alegria ou satisfação que marcou sua carreira?
16. E quanto às dificuldades ou frustrações, quais situações foram mais desafiadoras para você?
17. Como você avalia o convívio com colegas e superiores ao longo dos anos?
18. Houve mudanças na forma de se relacionar ou trabalhar em equipe no serviço público?
19. Hoje, como você compreende o trabalho que realiza e sua importância para a sociedade?
20. Quais são seus desejos ou expectativas para o futuro da sua carreira e também para o serviço público de forma geral?